

PRESA E PREDADOR

GORDON REECE

Tradução de Casimiro da Piedade

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Para a Joanna

1

A minha mãe e eu vivíamos numa casa de campo a cerca de meia hora da cidade mais próxima. Não tinha sido fácil encontrar uma casa que correspondesse a todos os nossos requisitos: no campo, sem vizinhos, com três quartos, jardins na frente e nas traseiras; uma propriedade que fosse antiga (tinha de ter uma certa personalidade) mas que, ao mesmo tempo, tivesse todos os confortos modernos, tais como um sistema de aquecimento central, pois ambas detestávamos o frio. Tinha de ser num local silencioso e reservado. Éramos ratos, afinal de contas. Não procurávamos uma casa para viver, mas antes um esconderijo.

Vimos dúzias de propriedades acompanhadas pelo agente imobiliário, mas se fosse possível ver o telhado de um vizinho através das árvores ou ouvir o ruído do tráfego à distância, trocávamos um olhar subtil entre nós e a propriedade estava riscada da lista. Fazíamos o resto da visita, claro, ouvindo pacientemente as explicações óbvias: “Este é o quarto principal... este é o outro quarto... esta é a casa de banho.” Achávamos que não o fazer seria rude da nossa parte, depois de o agente nos ter conduzido até tão longe, e para a mãe teria sido tão fácil ser firme com o jovem convencido de gel no cabelo e de telemóvel sempre a tocar (“Já vimos o suficiente. Obrigada, Darren, mas não estamos interessadas.”) como voar para a Lua. Os ratos nunca são rudes. Os ratos nunca são firmes. E assim passámos muitos sábados a ver propriedades nas quais não tínhamos o mais pequeno interesse.

Contudo, lá acabámos por ser levadas a ver a casa de Honeysuckle.

Não era a casa de campo mais bonita que víamos, com a sua fachada em tijolo castanho, as janelas pequenas, o telhado cinzento de ardósia e as chaminés sujas pelo fumo. Parecia mais da cidade do que do campo. Mas estava realmente longe de tudo. Rodeada por todos os lados de hectares de campos de cultivo, o vizinho mais próximo ficava a quase dois quilómetros de distância. Era acessível unicamente por uma estrada tortuosa de faixa única que contornava o enorme jardim em curvas largas e serpenteantes. Com curvas apertadas e sebes enormes nas bermas a tapar a visibilidade, parecia mais um labirinto do que uma estrada. Para variar, acreditámos facilmente no Darren quando nos disse que poucos automobilistas se atreviam a meter-se por ali, com receio de ficarem retidos atrás de máquinas agrícolas em marcha lenta. O longo carreiro ladeado de árvores que tivemos de percorrer na subida até à casa, recheado de buracos e com uma curva aguda à esquerda, apenas confirmou a sensação de que Honeysuckle estava tão afastada do mundo que estaríamos aí a salvo da dura realidade deste.

Era maravilhosamente silencioso também. Quando saímos do carro do Darren, num dia ventoso de inícios de janeiro, o silêncio foi a primeira coisa em que reparei. Foi quando os pássaros nas árvores acima de nós se calaram e o Darren fez uma momentânea pausa no seu discurso de vendas (“adoro esta casa... e não estou a dizê-lo por dizer... vinha para aqui viver amanhã já se pudesse”). Lá estava, o mais maravilhoso som em todo o mundo: a completa ausência de som.

Os donos, o senhor e a senhora Jenkins, eram um casal idoso. Receberam-nos à porta, com os cabelos brancos desgrenhados e as faces coradas, de canecas de chá na mão bem junto aos casacos de lã, explodindo em gargalhadas sonoras quando ninguém dissera nada de particularmente engraçado. O senhor Jenkins explicou que tinham sido obrigados a regressar à cidade por causa da saúde da senhora Jenkins (“um problemazito no coração”, disse ele) e não queriam estar ali no meio do nada no caso de acontecer alguma coisa. Partia-se-lhes o coração só de pensarem em sair, disse-nos, e assegurou-nos de que tinham vivido nessa casa trinta e cinco maravilhosos anos. “Sim, trinta e cinco maravilhosos anos”, repetiu a senhora Jenkins, como uma mulher habituada a ser pouco mais do que o eco obediente do seu marido.

E lá nos guiaram na habitual e algo embaraçosa visita à casa: demasiada gente a acomodar-se num corredor apertado ou no patamar de umas escadas, o ritual confuso a cada nova porta de entrada (“faça favor... não, faça favor!”). À medida que íamos de quarto em quarto, sentia o olhar do senhor Jenkins regressar a mim com insistência, tentando perceber como podia uma tímida rapariga de classe média ter aquelas feias cicatrizes no

rosto. Senti-me aliviada quando nos levaram lá fora para o jardim das tra-seiras através da porta da cozinha, e pude finalmente deixar-me ficar atrás dele e evitar os seus penetrantes olhos azuis.

O senhor Jenkins era um jardineiro experiente e estava determinado a fazer com que ficássemos a sabê-lo. Arrastámo-nos atrás dele pelo carreiro em torno do jardim enquanto nos mostrava as suas árvores de fruto, a sua horta e os dois barracões. Eram os barracões mais limpos e arrumados que já tinha visto: cada ferramenta estava pendurada no respetivo gancho, e até as luvas de jardinagem deles estavam em cabides marcados, cada um, com os nomes *Jerry* e *Sue*. Mostrou-nos o monte de estrume malcheiroso, exclamando radiante: “Aqui está ele, o meu maior orgulho!” Levou-nos até à fila de ciprestes que plantara quando ambos se tinham mudado para a casa. As árvores tinham agora mais de dez metros de altura, e, enquanto ele se pronunciava sobre a saúde da casca, espreitei discretamente através da espessa folhagem. Além desta, não via mais nada a não ser os campos de cultivo, de tons acastanhados e estendendo-se até ao horizonte.

O senhor Jenkins estava particularmente orgulhoso do seu jardim na parte da frente da casa. O largo relvado, cortado tão rente como um campo de golfe, estava ladeado de inúmeras plantas e arbustos, onde ainda se podiam ver detalhes de cor aqui e ali, apesar do pico da estação invernal.

— É importante ter algumas plantas que florescem no inverno — disse ele à mãe — e muitas de folha perene, caso contrário o jardim fica sem cor durante o inverno.

A mãe, tentando mudar o assunto, disse que não sabia muito de jardinagem, mas o senhor Jenkins viu isso como um convite para a instruir ali mesmo. Começou uma longa palestra sobre os diferentes tipos de solo.

— Este solo, está a ver — disse ele — é calcário. É um bocado seco, *esfomeado*. Precisa de muito estrume, adubo, turfa...

Afastei-me, incapaz de continuar a ouvi-lo enquanto a palestra se prolongava (“míldio... fertilizante artificial... extratos calcários...”). Julguei tê-lo ouvido dizer “sangue seco” a certo ponto, mas decidi que talvez ouvira mal.

Continuei a andar, fazendo com que a voz irritante dele se fosse apagando até não ser mais do que um leve murmúrio atrás de mim, mas dei por mim bloqueada por um largo canteiro de rosas em forma oval, plantado mesmo no meio do relvado. As rosas tinham sido impiedosamente podadas e pareciam erguer os seus tocos aos céus em protesto. Todo o canteiro parecia descuidado. Com o seu enorme monte de terra revolta, tinha o aspeto de uma cova recentemente cavada.

Olhando em volta para as outras plantas e arbustos do jardim, dei-me conta de que não sabia o nome de quase nenhuma. Se eu ia ser uma escrito-

ra, teria de corrigir isso. Os escritores pareciam sempre saber os nomes das flores e das árvores; isso dava-lhes um ar mais autoral, mais divino. Prometi a mim mesma que a primeira coisa que faria mal nos mudássemos (porque já sabia, pelo olhar sonhador da mãe, que aquele seria o nosso novo lar) seria aprender os nomes de cada flor e árvore no jardim: os seus nomes comuns e as designações em latim.

Quando voltei para junto da mãe, o senhor Jenkins foi incapaz de continuar a sustentar a sua curiosidade.

— E que te aconteceu, querida? — perguntou ele, indicando com um leve gesto da mão que se referia às cicatrizes no meu rosto.

A mãe puxou-me instintivamente para junto dela e respondeu por mim.

— A Shelley teve um acidente. Um acidente na escola.

2

A mãe comprou a propriedade de Honeysuckle com o dinheiro que lhe coube no divórcio. O seu quinhão de rato. O meu pai — um advogado especializado em Direito da Família, por incrível que pareça — tinha-nos trocado dezoito meses antes pela sua secretária, uma rapariga com uns incríveis trinta anos a menos do que ele, um rosto de boneca lasciva e um decote sempre bem exposto (era apenas dez anos mais velha do que eu, e era suposto eu vê-la como a minha *nova mãe*?!). A parte financeira do divórcio e a disputa da custódia tinham-se arrastado por quase um ano. O meu pai disputou-as à minha mãe como se ela tivesse sido o seu inimigo mais ferrenho e não a sua esposa durante dezoito anos, e tentou tirar-lhe tudo, incluindo eu.

A mãe fez cedências atrás de cedências — abdicou do direito a parte da reforma dele, abdicou da pensão de alimentos, chegou até a devolver-lhe algumas das prendas que ele lhe tinha dado durante o casamento, como ele teve o desprazo de lhe exigir — mas recusou abdicar de mim. O juiz deliberou que, sendo eu uma adolescente de catorze anos excepcionalmente madura, estava em condições de poder escolher com quem queria viver. Dado que eu queria muito ficar com a minha mãe, o meu pai teve de retirar a pretensão de custódia. Quando se apercebeu de que não poderia punir a minha mãe pelos anos que ela lhe tinha devotado levando-me com ele, decidiu emigrar para Espanha com a Zoe. Tendo gostado tanto de mim a ponto de querer que eu vivesse com ele, foi-se embora sem sequer se despedir e desde então não soubera mais nada dele.

Os trâmites burocráticos decorreram com uma rapidez pouco habitual, e mudámo-nos para Honeysuckle no final desse mês de janeiro. Era um desses dias esquizofrênicos de inverno, em que o céu ora está coberto por nuvens negras e ameaçadoras, ora deixa brilhar o Sol como se a primavera tivesse chegado mais cedo, apenas para ser de novo invadido por nuvens tenebrosas que trazem um vento agreste e vagas de chuva fria.

Os homens das mudanças, a mascarem pastilha elástica e a tresandarem a suor, arrastavam-se de um lado para o outro da casa com as suas botas enlameadas, lançando indiretas bem audíveis sobre a sede que todo aquele trabalho lhes dava e como “um chazinho vinha mesmo a calhar”. A mãe, obediente, lá lhes levava canecas de chá com pingas de leite num tabuleiro e juntava-lhes três ou quatro torrões de açúcar conforme as indicações de cada um, e eles ficavam sentados no caminho de cascalho a beber e a fumar, apoiados nos caixotes que era suposto andarem a transportar. Um deles, quando a viu a olhar para a fenda horrível num dos lados do piano que eles tinham causado, disse alegremente: “Não fomos nós que fizemos isso, m’nhá s’nhora, já estava assim”. Ela correu para dentro de casa (*os ratos têm pavor ao confronto*) e eles ficaram a rir.

Conseguiram fazer com que ela lhes pagasse em dinheiro, incluindo a meia hora em que se sentaram a beber o chá e a imitar o sotaque “fino” dela, e puseram-se a andar, deixando as beatas dos cigarros suspensas nas axilas das flores.

Não tinha pena nenhuma por trocar a luxuosa casa na cidade, onde vivera quase toda a minha vida, pelo modesto conforto de Honeysuckle. A casa deixara de ser o meu lar quando começou o divórcio: a partir daí era apenas o “lar matrimonial”, um ativo valioso que ambas as partes disputavam, como dois jogadores de xadrez. Um “lar matrimonial” nunca pode ser um lar feliz.

Associava essa casa a muitas memórias, boas e más. Não sabia bem quais seriam as mais dolorosas: o meu pai, quando eu tinha sete anos, vestido de Pai Natal e a dar-me um pequeno hamster dourado que tremia nas palmas das suas mãos; o meu pai, perdido de bêbado, sete anos mais tarde, a arrombar a porta de entrada quando lhe tocou ficar comigo num fim de semana e eu não quis ir com ele; os meus pais, no seu décimo quinto aniversário de casados, a dançarem no salão, de rostos colados, ao som do *Wonderful Tonight* do Eric Clapton e em frente de todos os seus amigos; três anos mais tarde, o meu pai a empurrar a minha mãe com tal

maldade que a fez cair de costas no chão e partir um dedo. *Nesse mesmíssimo salão...*

Havia outra razão para que me sentisse aliviada por abandonar o “lar matrimonial”, uma razão que tinha relutância em admitir a mim mesma. Era a tentação de continuar a gostar do meu pai. Apesar da forma nojenta como me tinha tratado e à minha mãe, apesar de todos os meus esforços em pintá-lo da forma mais negra na minha mente, o laço de sangue entre nós era difícil de desatar. Por todo o lado havia recordações do seu outro lado, de como ele conseguia ser meigo e de quanto nos tínhamos divertido juntos. Havia a casa que ele tinha construído para mim no cimo de uma faia quando eu tinha sete anos; as lindas estantes de livros que ele colocou no meu quarto antes de eu entrar no liceu, e a coleção de clássicos infantis encadernada a couro que ele me trouxera de Londres (fora o meu pai que me encorajara a ser escritora, fora *ele* que plantara essa semente). Na garagem, onde ele costumava fazer exercício e que cheirava ainda um pouco ao suor dele, havia o velho alvo de dardos com o qual costumávamos brincar a acertar os dardos no sentido do relógio e nos divertíamos à grande.

Mas a recordação mais forte do meu pai talvez viesse de cada vez que me olhava num espelho e via os seus olhos cor de avelã. Nunca estivera tão próxima do meu pai como da minha mãe, mas quando eu e ele tivemos momentos carinhosos, quando eu era pequena e ele pegava em mim bem acima da sua cabeça, como se tentasse ver através de mim em toda aquela luz brilhante do Sol, de certa forma esses momentos tinham sido até melhores.

Nunca revelei isto à minha mãe, claro, pois tê-la-ia magoado muito. Mas enquanto permanecêssemos no “lar matrimonial”, essa tentação traiçoeira iria persistir, e, sempre que eu e ela nos desentendíamos por alguma coisa, aumentava até. Com a mudança, esperava que essa emoção que me invadia como um cavalo de Troia enfraquecesse e acabasse por desaparecer completamente.

A casa de Honeysuckle foi um recomeço estimulante. Adorei a cozinha, com a sua despensa antiquada, o chão de azulejos em terracota e a mesa de pinho limpo; estava sempre quente e confortável, por mais inclemente que se mostrasse o inverno lá fora, por isso acabámos por comer lá todas as nossas refeições. Adorei o facto de o salão não ser separado da sala de jantar por uma parede, o que fazia com que sentisse que a mãe estava sempre por perto mesmo quando estávamos a fazer coisas diferentes. Adorei a lareira com a base da chaminé em pedra cinzenta de textura áspera, a cornija em carvalho envernizado, as pequeninas formas losangulares nas janelas em

falso estilo Tudor. Adorei a escada em madeira, marcada pelo tempo, com o quarto degrau a contar do solo que chiava ruidosamente, fosse qual fosse o ponto em que puséssemos o pé. Adorei o meu quarto, com as vigas expostas e o assento embutido junto à janela, onde podia sentar-me e ler durante horas à luz mais clara e pura que já tinha visto. Adorava abrir as cortinas de manhã e ver uma manta de retalhos composta de campos de cultivo, em vez dos tijolos vermelhos das casas de classe alta dos subúrbios, cada uma com o seu *BMW* ou *Mercedes* estacionado à porta. Acima de tudo, adorava poder levar uma cadeira para o jardim das traseiras, sentar-me e ficar a ver a lenta e contínua metamorfose das nuvens no céu, como cera a derreter-se numa lâmpada de lava.

Ao olhar para o céu, gostava de imaginar que vivia num tempo mais simples e inocente, de preferência um tempo que precedia a existência dos seres humanos, quando a terra era um vasto paraíso verde e a crueldade e o prazer de causar dor eram completamente desconhecidos.

3

A mãe tinha sido uma advogada brilhante quando era jovem, contratada por uma importante firma de advogados de Londres quando ainda estava na universidade. Começara a trabalhar mal se formara, mas não dera resultado. Ela tinha detestado viver em Londres, com as multidões de gente agressiva, o metro apinhado à hora de ponta, os bêbados de caras avermelhadas (*Londres não é um sítio para um rato viver*), e ao final de quatro anos decidiu mudar-se para a província. Começou a trabalhar na Everson's, a firma de advogados mais importante da cidade e foi aí que conheceu o meu pai, oito anos mais velho do que ela e já um dos sócios da firma. Depois de namorarem mais de seis meses, ele pediu-a em casamento.

Sempre me perguntara, dadas as diferenças entre eles e a forma como o casamento terminara, porque tinha o pai decidido escolhê-la e porque se tinha ela deixado escolher por ele. Não tenho dúvidas de que ele se sentia atraído por ela — as fotos do casamento mostram o quão bonita ela era, com o seu cabelo negro e o sorriso tímido. Mas creio que ele também se sentiu desafiado a conquistar o coração dessa rapariga meio desajeitada e distante, com uma licenciatura imaculada e uma reputação de brilhantismo profissional. Talvez a mãe, depois da sua experiência em Londres (onde lhe tinham assaltado o apartamento e roubado a carteira em pleno dia), quisesse alguém forte como o pai para a proteger. Talvez pensasse que a sua força passasse, como por magia, para ela. Talvez tivesse sido a beleza e o charme dele que a conquistaram. O pai era sempre charmoso, e, mesmo

quando era pequena, lembro-me de sentir ciúmes pelo efeito que o seu sorriso tinha nas outras mulheres.

Quando nasci, quatro anos depois, o meu pai insistiu que a minha mãe abandonasse a carreira para ficar em casa a cuidar de mim a tempo inteiro. Dizia que não queria ver a sua filha passada de ama para ama como se fosse uma encomenda. Dizia que não queria que a sua filha voltasse da escola e encontrasse a casa vazia porque os pais estavam ainda no trabalho. Insistiu que isso nada tinha a ver (claro) com o facto de a minha mãe estar quase a tornar-se sócia da firma, que isso nada tinha a ver (claro) com o facto de a minha mãe ser considerada por todos a melhor advogada da firma e de a mente brilhante dela o deixar muitas vezes a sentir-se deslocado e estúpido.

A mãe acatou docilmente o desejo dele. Afinal de contas, ele sempre era mais velho, tinha mais experiência, era um sócio da firma, era *homem*. Como poderia ela ter resistido à vontade dele, mesmo se o quisesse? Como pode o rato resistir ao gato? Assim, abandonou o emprego que adorava, e nos catorze anos seguintes dedicou-se a cuidar de mim e da casa — cozinhar, fazer as compras, lavar a roupa e a loiça, passar a ferro — enquanto o meu pai foi subindo na firma até se tornar sócio maioritário.

Quando ele a abandonou, ela tinha quarenta e seis anos. Os seus conhecimentos legais estavam já desatualizados, tinham murchado como frutos deixados a apodrecer na árvore. O seu certificado profissional não tinha sido renovado há quase catorze anos.

O único emprego que conseguira encontrar fora na Davis, Goodridge & Blakely, uma firma sediada numa das ruas de má fama atrás da estação de comboios. Os patrões justificaram-se com a longa falta de prática dela para lhe pagarem um salário miserável — “é pegar ou largar”, disseram-lhe — e, claro, ela pegou. Deram-lhe uma mesa numa pequena sala que partilhava com duas das secretárias, para deixarem claro que ela era vista como pouco mais do que apenas outra secretária e não como uma advogada plenamente qualificada.

Mas os sócios depressa se aperceberam da sua competência, e ficaram surpreendidos com a rapidez com que ela recuperou do atraso daqueles anos. Blakely, o sócio especializado em casos criminais, um tipo desprezível, despejou-lhe em cima uma quantidade escandalosa dos seus casos e usou-a como assistente pessoal e pau para toda a obra; Davis, especializado em danos pessoais, começou a passar à minha mãe cada vez mais dos seus casos bichudos, aqueles em que ele se tinha embrulhado de tal forma que já não sabia o que fazer. No final do seu primeiro ano nessa firma ela tinha em mãos alguns dos casos mais difíceis da empresa e era paga abaixo das secretárias.

...

A Brenda e a Sally, as duas secretárias com as quais a mãe partilhava a salinha, acharam que a sua mudança para o campo e para Honeysuckle era um erro e disseram-no abertamente.

— A Shelley está quase com dezasseis anos, Elizabeth — disse Brenda. — Ela vai querer estar com amigos da idade dela e sair à noite...

— É verdade — disse Sally. — Ela vai começar a sair todas as noites e a ir a bares, se for como a minha. Vais passar a tua vida a levá-la e a trazê-la da cidade.

A mãe tentou manter a vida privada dela o mais *privada* possível, pelo menos sem magoar a Sally e a Brenda, que de bom grado lhe contavam os mais íntimos detalhes dos seus casamentos sem o mínimo embaraço. Limitou-se a corar e a balbuciar qualquer coisa acerca de não se importar muito e de ter a certeza que a Shelley não iria abusar. Isto provocou gritos de protesto de escárnio.

— Elizabeth, és tão branda com ela!

A Brenda e a Sally passavam a vida a dizer-lhe este tipo de coisas: *Elizabeth, és demasiado boa! Porque é que aturas isso, Elizabeth? Porque não bates o pé, Elizabeth?* Tinham-na visto a aceitar um aumento de salário que era insultuoso, tinham visto o Davis e os outros advogados da firma despejar os seus casos em cima da mesa dela e nem lhe agradecerem quando ela os resolvia, tinham visto muitas vezes o Blakely chegar-se a ela quando faltavam cinco minutos para as cinco da tarde e pedir-lhe que ficasse a trabalhar até mais tarde ou que “desse uma vista de olhos num caso durante o fim de semana” porque sabia que ela era demasiado fraca para lhe dizer não. Raro era o dia em que a Sally ou a Brenda não tinham de lhe gritar: “Elizabeth, és tão branda!”

Ela não lhes contava a verdade sobre mim, é claro. Não lhes dizia que eu não iria precisar de boleias para a cidade para me encontrar com os meus amigos da escola porque eu não tinha amigos na escola. Nem um. Não lhes contou que eu tinha sido vítima de uma campanha de *bullying* tão maldosa que tinha tido de me tirar da escola e que agora recebia aulas em casa. Não lhes disse que, a conselho da polícia, o meu novo endereço tinha sido mantido em segredo da escola, não fossem as minhas colegas em questão descobri-lo.

4

As colegas em questão. As três colegas em questão: Teresa Watson, Emma Townley e Jane Ireson. Tinham sido as minhas melhores amigas desde que nos conhecemos na mesma turma aos nove anos. Brincávamos juntas em cada intervalo (saltar à corda, rodar o *hula-hoop*, jogar à macaca, às escondidas), sentávamo-nos juntas à mesa da cantina da escola para comermos o que trazíamos na lancheira. Aos fins de semana e nas férias costumávamos encontrar-nos nas casas de cada uma. Éramos um grupo inseparável, um clube. Até aranjámos um nome para nós, as JETS, um acrónimo a partir das primeiras letras dos nossos nomes.

Em retrospectiva, acho que as coisas entre mim e elas começaram a ficar estranhas muito antes de o *bullying* ter tido início.

Quando tínhamos onze, doze ou treze anos, éramos o que se podia chamar de meninas bem-comportadas. Levávamos a escola a sério: comparávamos as respostas que tínhamos dado nos testes semanais de soletragem, coloríamos cada mapa como se fosse o teto da Capela Sistina, ligávamos umas às outras depois da escola para resolvermos trabalhos de casa mais difíceis. Eu era sempre a melhor em Inglês e Arte; a Emma (a quem chamávamos a “Pippi Potter” por causa, respetivamente, do cabelo ruivo de cor intensa e dos óculos de aros redondos) parecia ter um dom para a Matemática; a Jane, a mais séria das quatro, tocava violoncelo e estava na orquestra da escola e numa orquestra da escola de música aos sábados; a Teresa, com os seus olhos bonitos e cabelo loiro, queria ser

atriz e adorava Teatro. Falávamos durante as aulas, é certo, como todas as crianças, mas tínhamos muito medo dos professores; nunca nos teria passado pela cabeça ser respondonas e não me lembro de alguma vez termos tido problemas sérios.

Quando fizemos catorze anos, contudo, as outras começaram a mudar. E eu não.

A Emma trocou os óculos por lentes de contacto e cortou o seu lindo cabelo num estilo *punk*, rente nos lados da cabeça e com um penacho de espigões ruivos em cima. A Jane desistiu da música e pareceu perder o interesse pelos trabalhos de casa. Começou a pintar o cabelo de preto e as unhas a condizer. Começou a ganhar formas e uns peitos grandes, e quando se maquilhava, parecia ter dezoito anos. Estava constantemente a ter problemas com os professores, mas nada do que eles fizessem — quer castigos, quer expulsões — parecia incomodá-la minimamente. Era como se tivesse rejeitado tudo o que tivesse a ver com a escola e comportava-se como um condenado na prisão, a contar os dias que faltavam para a sua libertação.

Mas foi a Teresa quem mudou mais. Cresceu até acima do metro e setenta quase da noite para o dia. Passou de rechonchuda e fofinha a magra e com aspeto soturno. O seu corpo tornou-se mais delgado, ossudo e duro, e o seu rosto ficou seco, com maçãs do rosto salientes e angulares, como bordas de rochedos. Começou a usar roupas que desafiavam abertamente o código de vestuário da escola: botas de cano alto da *Doc Martens*, calças de cintura descaída, *tops* minúsculos que deixavam a sua barriga pálida toda à mostra. Tinha feito um *piercing* na sua sobrancelha esquerda, mesmo depois de o diretor a ter avisado de que não poderia entrar na escola naquele estado. Deixou crescer o cabelo e usava-o com risco ao meio e alisado. À medida que o seu corpo adquiria esta aspereza, algo também se fizera notar nos seus olhos verdes, algo duro e implacável. Algo vagamente ameaçador.

À luz do que aconteceu depois, pensei muitas vezes sobre essa mudança na aparência delas e na sua coincidência com a mudança da atitude delas para comigo. Perguntei-me várias vezes se teria havido alguma ligação entre os dois fenómenos. Será que o nosso aspeto afeta a nossa personalidade? Ou será esta a afetar o nosso aspeto? São as pinturas de guerra que tornam o guerreiro temível? Ou é o guerreiro temível que pinta a cara para avisar os outros da sua crueldade? Um gato tem sempre o aspeto de um gato? Um rato tem sempre o aspeto de um rato?

Seja qual for a verdade, o facto é que eu não mudei. Continuava a aplicar-me nas aulas, marrava para os testes e pintava os meus mapas. Continuei a ser a melhor em Inglês e Arte, mas agora costumava ser a melhor também a História, Francês e Geografia. Ainda ficava toda arrepiada se um professor gritava na aula. Mantive o meu cabelo no mesmo estilo em que o

usava desde os nove anos: liso, pelos ombros e com uma franja. Cresci um pouco mas não emagreci: ainda tinha alguma gordura no estômago e as minhas coxas roçavam uma na outra quando andava. Não comecei a ir maquiada para a escola como elas, porque a mãe me dizia que isso me fazia mal à pele. Quando me apareceram borbulhas, não lhes toquei (a mãe dizia que espremê-las iria deixar marcas na pele), ao contrário das outras que as rebentavam com as suas unhas aguçadas e envernizadas e escondiam as feridas com base. Não usava brincos, colares, pulseiras e anéis como elas, pois era alérgica a tudo o que não fosse feito de ouro genuíno e porque não gostava assim tanto de joias: achava-as um estorvo e estava sempre com receio de as perder. Continuava a usar as mesmas blusas, camisolas e saias de estilo simples que sempre usara, com os mesmos sapatos pesadões com fivelas dos lados (a Teresa chamava-lhes os meus “sapatos ortopédicos”), enquanto as outras iam ficando cada vez mais obcecadas com o seu aspeto e as roupas que usavam.

Notei que pareciam já não estar contentes por me verem quando as procurava no recreio ou na cantina. Agora, quando estávamos juntas, o ambiente era diferente, como se partilhassem de uma piada da qual me excluía. Olhavam-me da cabeça aos pés com uma ligeira repugnância, e pela primeira vez na vida comecei a sentir-me constrangida pelo meu aspeto, envergonhada pela massa de gordura que sobressaía por cima da cintura da minha saia, a minha franja infantil, as espinhas que me enchiam o queixo.

Foi ao ver como me olhavam, as expressões secas nos seus rostos, que me apercebi pela primeira vez — e ainda sem conseguir acreditar — de que as minhas melhores amigas tinham começado a achar-me repugnante.

Apesar de eu querer, tínhamos deixado de brincar juntas no recreio porque elas achavam isso muito infantil. Em vez disso, preferiam ficar apáticas e agachadas atrás de uma das salas de aula, onde os professores não as conseguiam ver, agarradas aos telemóveis e a desprezarem-me cada vez mais por não ter um (se a mãe não conseguia sequer ter um para ela, eu não ia pedir-lhe um para mim). Quando não estavam agarradas aos telemóveis, parecia que só falavam de assuntos pelos quais eu não tinha qualquer interesse: música pop, roupas, joias, maquiagem. E, cada vez mais, falavam também de rapazes.

Eu era a única que não tinha um namorado. Tinha catorze anos, quase a fazer quinze, mas ainda não entendia a atração por rapazes. A maioria dos rapazes na minha escola eram rudes e agressivos. Jogavam futebol como se fosse uma doença e estavam constantemente à luta nos corredores. Estavam sempre a dizer palavrões, num esforço desesperado para parecerem duros, e tentavam chocar as raparigas com alusões sexuais grosseiras. Durante

anos, tínhamo-nos mantido afastadas dos rapazes porque não gostávamos deles. Agora, a Teresa, a Emma e a Jane tinham namorados e falavam sobre eles todo o tempo. Falavam das tatuagens deles, dos cursos profissionais que eles estavam a fazer, do *tuning* que faziam nos carros deles, das lesões que tinham contraído em lutas ou no desporto. Mas aquilo sobre o que mais gostavam de falar era o que planeavam fazer com eles no fim de semana: os filmes que iam ver, os bares em que iam tentar entrar, que penteados iriam usar, as malas que iam comprar para condizer com as calças de ganga que iam comprar. No final de alguns almoços, apercebia-me de que não dissera uma única palavra durante a hora em que tínhamos estado juntas.

Sei agora, ao recordar-me disto, que devia ter deixado de andar com elas muito antes e que devia ter procurado novas amigas. Devia ter simplesmente aceitado que elas tinham mudado. Mas, na altura, isso não parecia tão simples: embora soubesse que as coisas estavam a mudar entre nós e pudesse sentir a sua crescente hostilidade para comigo, não me apercebi da seriedade da situação — afinal de contas, nos anos anteriores tivéramos imensos pequenos desentendimentos que rapidamente tinham sarado. E, além disso, era impossível imaginar a minha vida na escola sem elas. Não tinha outras amigas na escola, não tinha *necessidade* de procurar outras amigas. Teria sempre a Teresa, a Emma e a Jane. Éramos as melhores amigas desde os nove anos, tínhamo-nos adorado como irmãs. *Éramos as JETS.*

Não fazia ideia do quão distorcidos se tinham tornado os seus sentimentos para comigo. E não fazia ideia de como estava em perigo.

5

O assédio começou em março do meu quarto ano na escola secundária. Eu e a minha mãe ainda vivíamos no “lar matrimonial” nessa altura — o meu pai tinha-nos abandonado havia mais de seis meses — e a nossa mudança para Honeysuckle estava ainda a dez meses de distância.

Nunca percebi bem o que provocou tudo aquilo. Sei que ganhei o concurso de contos da escola por essa altura, e que me foi entregue uma pequena taça prateada certa manhã. Sei também que fomos à balança na aula de Educação Física por esses dias, e que eu fora a rapariga com mais peso da turma. Sei que andava muito chorosa nesse mês, porque a decisão sobre a custódia estava marcada para o dia vinte e quatro, e apesar de o advogado da mãe me ter assegurado de que não havia chances disso, eu estava petrificada perante a possibilidade de o juiz me obrigar a viver com o meu pai e a Zoe. A nossa diretora de turma, a professora Briggs, que sabia tudo acerca do divórcio da minha mãe, foi muito atenciosa comigo nesse período: se visse que eu estava preocupada, não hesitava em pôr o seu braço em volta de mim, levar-me para a sua sala e animar-me com algumas palavras e uma chávena de chá de menta. Talvez elas tivessem ciúmes de toda esta atenção, ou de eu ter ganho um prémio importante na escola, talvez o facto de ser oficialmente a rapariga mais gorda da turma fizesse com que eu tivesse perdido o direito de ser tratada como um ser humano... Não sei. Não faço a mais pequena ideia. Talvez a crueldade possua uma lógica própria.

Começou gradualmente, com piadas e reparos, que podiam passar

por inocentes brincadeiras de início, mas que em breve perderam qualquer sombra de bom humor e se revelaram pelo que eram: hostis, maldosos e com a intenção de magoar. Estava em estado de choque. Depois de tantos anos de amizade, o facto de as minhas melhores amigas já não gostarem de mim deixou-me aturdida, com a cabeça à roda. Tentei manter-me longe delas, mas agora eu era o seu modo de diversão, uma nova brincadeira que tinham descoberto para as ajudar a suportar o tédio da escola. Procuravam-me nos intervalos e à hora do almoço, e, embora fizesse tudo para me conseguir esconder, acabavam sempre por me encontrar. Numa imitação grotesca dos jogos que costumávamos fazer juntas, dançavam à minha volta, de braço dado para que eu não conseguisse escapar, gritando os piores insultos de que conseguiam lembrar-se até conseguirem fazer-me chorar.

— O teu pai foi-se embora porque tinha vergonha de ti, gorda mongoloide! É a mãe da Shelley que lhe mete os tampões!

Mas estes insultos depressa as aborreceram. Precisavam de subir o nível de malevolência para manterem o interesse no jogo.

Começaram a vandalizar as minhas coisas. Todos os dias voltava do recreio para descobrir uma nova intrusão, uma nova violação: os meus lápis de cor partidos ao meio; os meus trabalhos de casa de História, que tinha passado horas a fazer, cortados às fatias com uma tesoura; líquido corretor nas minhas sanduíches triangulares de pão integral; o conteúdo do caixote de papel metido na minha mochila; um verme grande como um atacador esmagado dentro do meu livro de Inglês; “cara de piza” e “porca gorda” escrito a marcador preto nas costas da minha régua de madeira; o cabelo cor de malva do meu boneco Lucky Troll arrancado e o rosto dele riscado com esferográfica; dois pedaços de cocó de cão dentro da minha caixa de lápis da Hello Kitty.

Não podia contar aos professores porque sabia que isso iria apenas fazer com que as coisas piorassem no futuro. Não queria dar às minhas perseguidoras um pretexto para ataques ainda mais horríveis — não sabia ainda que as pessoas cruéis não precisam de pretextos para as suas ações. A minha falta de confiança na capacidade de proteção por parte dos responsáveis da escola deixava-me também incomodada. Tinha notado como as professoras — mesmo a menina Briggs — faziam vista grossa ao comportamento da Teresa, da Emma e da Jane, fingindo que não tinham ouvido o palavão, que não tinham visto o dedo apontado: tudo por um pouco de paz.

Devia ter contado à minha mãe, sei-o agora, mas tinha vergonha. Tinha vergonha de lhe dizer que este tratamento tinha sido reservado especialmente para mim, como se eu tivesse um estigma que me tornasse diferente de todos os outros. O que piorava as coisas era que a mãe conhecia estas raparigas — tinha-lhes servido chá, tinha-lhes dado boleia até casa,

pensava que eram as minhas melhores amigas. Não conseguia suportar que ela soubesse o quanto me odiavam. E pensava nas perguntas que ela me faria, inevitavelmente (“O que foi que fizeste? Fizeste algo que as aborreceu?”), porque, bem lá no fundo, não conseguia evitar pensar que o que se passava era por culpa minha, que de alguma forma eu era a culpada.

Além disso, contar à mãe ou à escola seria confrontar as minhas atormentadoras, e eu era incapaz de o fazer. Pura e simplesmente, não conseguia fazê-lo. Eu não era o tipo de pessoa capaz disso. Era um rato, não esqueçam. Parecia-me mais natural não dizer nada, sofrer em silêncio, ficar muito quieta e esperar que ninguém reparasse em mim, correr ao longo do rodapé em busca de um lugar seguro onde me pudesse esconder.

A única pessoa a quem seriamente pensei contar isto foi o meu pai. Até a Zoe aparecer, ele sempre fora muito protetor para comigo. Tinha até tentado “endurecer-me”, como dizia, para que eu conseguisse defender-me sozinha, insistindo para que fosse correr com ele ou tentando inscrever-me no judo — compensando, talvez em excesso, o que ele achava ser a “má influência” da minha mãe. Entregava-me a fantasias com o meu pai a entrar em ação para me defender, vindo salvar-me como um super-herói.

Mas eu sabia bem que o pai não era um super-herói. Lembrava-me de como, no final, andava tão grosseiro e arrogante, tão esquivo e vulgar (certa vez, encontrei uma revista pornográfica, *Hot Sluts*, escondida na sua pasta). Estava certa de que a Zoe tinha andado a envenená-lo contra mim (“a Shelley é uma menina da mamã, chorona e mariquinhas”). E porque não haveria de o fazer? Não queria partilhar o dinheiro dele comigo. Duvidava que o pai fizesse algo que pudesse chatear a Zoe. Duvidava que ele arriscasse perder aquela boca provocadora, aqueles peitos de estrela porno.

Tinha o número de telefone dele em Espanha e estive quase a ligar-lhe, mas a possibilidade de a Zoe atender o telefone dava-me a volta ao estômago.

O meu pai já não fazia parte da minha vida.

6

A minha submissão silenciosa não me salvou. Com o tempo, as minhas “melhores amigas” passaram da agressão às minhas coisas para a agressão a mim.

A primeira vez foi certo dia, logo depois do almoço. A Jane agarrou-me pelos cabelos enquanto a Teresa e a Emma me enfiaram um pão pela blusa abaixo. Depois lutaram comigo, tentando esmagar o pão dentro da blusa e tornar aquilo o mais sujo e desconfortável para mim que lhes fosse possível. Quanto tentei tirar o pão, a Teresa deu-me uma chapada com força na cara. Esse impacto estrondoso apanhou todas de surpresa, mesmo a Teresa, e quase podia jurar que ela estava prestes a pedir desculpas quando as suas feições voltaram a endurecer. Agarrou a minha mão com voracidade e dobrou os meus dedos para trás. A dor penetrante sobrepôs-se aos meus gritos até os silenciar.

Depois disso, foi fácil para elas. Depois disso, a violência física tornou-se a norma.

Escrevi sobre tudo o que fizeram no meu diário, sentada no meu quarto depois das aulas, com uma cadeira a trancar a porta para o caso de a minha mãe tentar entrar. É estranho ler essas linhas de texto hoje, e não apenas porque o que aconteceria no dia dos meus dezasseis anos — o meu 11 de setembro pessoal — tornaria o que aí contei quase trivial por comparação. Espanta-me a frieza emocional desses textos, quase como se eu estivesse a descrever coisas que se tivessem passado com outra pessoa. Nesse diário há também páginas e páginas de confissões emotivas sobre o divórcio

dos meus pais, mas, mal o assédio e as agressões começaram, as entradas tornaram-se mais curtas e mais reticentes, e à medida que a intensidade da violência aumenta, elas vão ficando mais resumidas, como uma série de *fait-divers*, um universo de sofrimento reduzido à expressão mais sucinta, a história da Crucificação escrita no verso de uma caixa de fósforos.

Maio: a Jane empurrou-me por cima do pequeno muro a caminho da aula de Arte, e caí em cima dos arbustos com espinhos... A Emma chamou-se lésbica e puxou-me os ganchos do cabelo, e tirou-me algum cabelo com isso... A Emma acendeu o isqueiro em frente da minha cara e ameaçou pegar-me fogo...

Junho: a Teresa tentou fazer-me uma contusão na perna. Continuou a tentar e fez-me ficar quieta até conseguir. Agora tenho uma nódoa negra enorme. Não posso deixar a mãe vê-la... A Jane e a Teresa atiraram um dos meus sapatos para trás do edifício de Informática. A Teresa deu-me um pontapé com toda a força na canela quando viu que eu o tinha ido buscar. Quase desmaiei... A Teresa espetou-me o espigão do compasso nas costas durante a aula de Geografia. Fui à casa de banho e havia sangue na parte de trás das cuecas...

Reconheço este tom sonâmbulo e oco quando ouço os sobreviventes de desmoronamentos e as vítimas de bombas a falarem na televisão. “Houve um ruído ensurdecedor. Depois apareceu muito fumo”. Percebo que, quanto maior for o trauma, menos adequadas as palavras se tornam, até que, imagino, numa situação ainda mais limite, apenas o silêncio parece apropriado.

Mas nesse mês de junho eu quase encontrei a minha voz. Nesse junho quase debelei a minha paralisia e falei...

A escola tinha acabado nesse dia. Tinha de ir à minha lição de flauta, mas a Teresa, a Emma e a Jane não me deixaram sair da sala. Encurralaram-me atrás das mesas, e, quando tentei uma fuga em direção à porta, apanharam-me e puxaram-me para o fundo da sala. A Jane imobilizou-me e apertou-me a cabeça entre o seu braço e a axila, e, encorajada pelas outras, tentou chegá-la à aguçada aresta de metal do peitoril da janela. Lembro-me de a ter surpreendido ao conseguir soltar-me e ter começado a correr em direção à porta, quando algo pesado — um dos enormes livros de Física — bateu contra as minhas costas com tanta força que mordi a língua.

Foi aí que a professora Briggs entrou na sala, o que fez com que elas ra-

pidamente se afastassem de mim e fingissem estar ocupadas junto à estante dos livros. A professora pegou nos papéis que tinha ido buscar e preparava-se para dar meia-volta e sair quando reparou em mim — paralisada, a tentar controlar o choro.

— Está tudo bem, Shelley? — perguntou ela.

E foi aí que quase lhe contei. Foi aí que a confissão quase brotou de mim num fluxo asfíxiante de soluços. Mas vi o olhar da Teresa — frio e impiedoso como o de um tubarão — e perdi a coragem.

— Sim, professora — disse eu. — Está tudo bem, professora.

Manter tudo isto em segredo da minha mãe deu-me muito trabalho. Usava sempre mangas compridas para esconder as nódoas negras nos braços, e lenços para esconder os arranhões no meu pescoço. Tinha de usar pijamas em vez da minha habitual camisa de noite, senão ela teria tomado as contusões amareladas e negras que me salpicavam as canelas e coxas como sintomas de uma nova e horrível doença.

Também passei a limpar-me bem antes que a mãe voltasse do trabalho. Fechava-me na casa de banho do andar de cima e tirava as manchas das minhas camisolas e saias quando tivesse sido empurrada ou mantida contra uma parede suja. Até cosi botões que tinham sido arrancados quando me agarravam pela frente da camisa e me arrastavam. Uma e outra vez limpei metodicamente a minha mochila da escola com água e sabão para retirar qualquer traço de sujidade. Por sorte, eu sempre fora bastante distraída e sempre me esquecera de onde punha as coisas, e por isso a mãe acreditava sempre que lhe dizia que tinha perdido a lancheira, os ganchos do cabelo ou os lápis.

O meu maior receio era que começassem a enviar-me *e-mails* insultuosos e a mãe descobrisse dessa forma o que se andava a passar. Ainda que raramente trocara *e-mails* com elas, sabia que tinham o meu endereço eletrónico e a possibilidade de a mãe um dia abrir uma mensagem cheia de insultos doentios e grosseiros deixava-me aterrorizada. Por isso, levantava-me bem cedo todas as manhãs e descia para consultar os *e-mails* da mãe. Mas elas eram demasiado espertas para começarem a assediar-me pela internet. Sabiam que um *e-mail* podia ser visto pela minha mãe e identificado como vindo delas, e estavam a divertir-se de mais para arriscarem tudo dessa forma.

Apenas quebraram este silêncio na internet uma vez. Um sábado de manhã abri um *e-mail* de um remetente que não conhecia, já à espera do pior. Era uma foto pornográfica — um homem a fazer algo nojento a uma mulher — uma imagem tão perversa que ainda hoje não gosto de falar dis-

so. Estava ainda no monitor quando a mãe apareceu por trás de mim e perguntou se havia mensagens. Consegui carregar no *Delete* mesmo a tempo (“Não, mãe. Não há mensagens novas.”).

Atribuí aquilo a uma bebedeira com *Bacardi Breezer* na noite anterior, em que tivessem ficado tão tocadas que já não conseguiam pensar direito. Não voltou a acontecer.

Mas apesar dos meus esforços, sabia que a mãe sentia que algo não estava bem. Consequia sentir as antenas dela a sondar, a tentar entrar na minha cabeça e descobrir o que tinha mudado em mim. Se ela não tivesse estado tão ocupada nesse verão com o caso Jackson — um caso de danos pessoais que o Davis tinha negligenciado vergonhosamente e lhe tinha dado para que o preparasse para a ida a tribunal —, tenho a certeza que teria descoberto.

Contei os dias até ao final do ano letivo e, por fim — *por fim!* —, as férias de verão chegaram para me salvar.

No final de julho, deixámos o claustrofóbico e pardo “lar matrimonial” e fomos de férias: duas semanas numa casa de campo na região dos lagos, no norte do país. Fomos abençoadas com um tempo magnífico. Caminhámos pelas montanhas, alugámos bicicletas e seguimos os trilhos marcados com manchas de tinta vermelha em troncos de árvore e penedos, nadámos nos lagos. Percorremos as bonitas vilas a ver antiguidades e a empanturrarmo-nos de *scones* de creme com compota em casas de chá silenciosas como bibliotecas.

À noite cozinhávamos pratos extravagantes e líamos durante horas. A mãe foi lendo todos os romances lamechas comidos pela traça que havia na casa que tínhamos alugado, parando para me ler em voz alta as passagens mais cómicas. Eu li o *Macbeth*, que era um dos livros sobre os quais os meus exames do ano seguinte iriam incidir, anotando metodicamente todas as palavras que não conhecia num caderno que tinha comprado especificamente para isso. Não foi difícil imaginar as três feiticeiras com os rostos da Teresa, da Emma e da Jane — essas três harpias desnaturadas¹ tinham intervindo na minha vida da mesma forma que as três feiticeiras o tinham feito na de *Macbeth*. Mas que destino me reservavam as minhas três feiticeiras? À medida que ia progredindo na leitura, surpreendeu-me descobrir

¹ NT: No original *unnatural hags*. Não se trata de uma referência a *Macbeth* mas antes a uma fala do Rei Lear, referindo-se às suas três filhas, na peça homónima de William Shakespeare (Cena II, Ato IV): “No, you unnatural hags, / I will have such revenges on you both.”

que tinha sido a Lady Macbeth a engendrar o assassinato do Rei Duncan e não Macbeth, como eu pensara, e dei por mim a pensar, à vista do que as minhas “melhores amigas” me tinham feito, se as mulheres eram de facto o “sexo fraco”. Seria possível que as mulheres fossem mais cruéis do que os homens?

Houve alturas, nessas férias, em que quase me esqueci da Teresa, da Emma e da Jane e dos seus socos, dos seus insultos e da dor que os seus pontapés me provocavam, em que me esqueci totalmente do pai que me tinha abandonado quando eu ainda precisava tanto dele. Quando a mãe e eu nadávamos num dos lagos de água gelada, a rirmos e gritarmos de alegria no frio, ou quando eu a seguia de perto numa escalada de um carreiro tortuoso de montanha, com as vacas nervosas a fugirem lentamente à nossa passagem, nessas alturas conseguia realmente esquecer-me dos detalhes dolorosos da minha vida e era feliz.

Mas o mês de setembro voltou de novo. À medida que o regresso à escola se aproximava, eu ia ficando mais apática, com dores de cabeça e febre. De cada vez que pensava na escola, a acidez no meu estômago aumentava. Não tinha apetite, e às refeições tinha de lutar contra o enjoo e forçar-me a comer tudo o que tinha no prato para que a minha mãe não desconfiasse. Não conseguia concentrar-me em nada. Não conseguia ler duas linhas seguidas.

Na noite anterior ao primeiro dia de escola, deitei-me na cama sem conseguir dormir, tentando alhear-me do que me esperava. O ano seguinte seria o ano final do liceu. Se tudo corresse bem e eu passasse os exames, poderia continuar a estudar para me candidatar à universidade. Tinha a certeza que as três raparigas não tencionavam ir para a universidade e que abandonariam a escola depois dos exames. Isso significava que eu teria apenas de resistir mais um ano escolar (*ficar muito quieta e esperar que ninguém reparasse em mim, correr ao longo do rodapé em busca de um lugar seguro onde me pudesse esconder*), e depois tudo teria acabado. Tinha confiança de conseguir sobreviver um ano.

Pensei que até seria possível que o assédio parasse assim que eu voltasse à escola, que as longas férias de verão de seis semanas tivessem interrompido essa rotina de abusos, tal como um aceiro na floresta consegue parar o avanço do incêndio mais violento. Afinal de contas, elas também tinham de se preparar para os exames, e, ainda que não tivessem qualquer interesse em seguir para a universidade, precisavam de boas notas para conseguir bons empregos. Talvez estivessem demasiado preocupadas com os resultados dos exames para perderem tempo comigo. Talvez as agressões diminuíssem. Talvez parassem mesmo. Talvez...

...

Estava enganada, como é óbvio. A partir do primeiro dia de regresso à escola, voltou o contínuo assédio. Quando muito, pareciam sentir saudades do seu vício regular e estavam a tentar recuperar o tempo perdido.

E a intensidade dos abusos subiu mais um nível.

De forma metódica, registei no meu diário as impressões telegráficas em estado de choque da linha da frente dessa minha guerra secreta, o mesmo diário no qual não tinha escrito uma linha durante o verão.

Setembro: a Teresa deu-me um soco na cara na casa de banho das raparigas. O sangue no nariz não estancava. Disse à mãe que caí no corredor... deitaram-me e retiveram-me à força junto ao chão, e a Teresa puxou a minha blusa e o meu sutiã para cima e gravou tudo com a câmara do telemóvel. Disse: “as tuas tetas horrorosas vão ser vistas por toda a gente no YouTube”... empurraram-me contra a parede da casa de banho e cuspiram na minha cara à vez...

Outubro: a Teresa bateu-me na cabeça com a mochila dela quando eu estava a beber da fonte de água. Fez-me um corte fundo no céu da boca... esperaram por mim depois das aulas e bateram-me. A Teresa sentou-se em cima de mim e deu um peido mesmo na minha cara. Quando voltei a casa, vomitei duas vezes. Consegui limpar tudo antes de a mãe regressar do trabalho...

O que me fez ver que não ia conseguir aguentar o ano inteiro — que nem ia aguentar o *primeiro trimestre* — foi algo que aconteceu no final de outubro.

Comecei a notar um cheiro estranho em torno da minha secretária certa manhã, depois do intervalo — um leve odor acre que parecia piorar à medida que o dia avançava. Sentia-o ainda em mim quando voltava para casa a pé e comecei a suspeitar que vinha do meu saco de ginástica. Mal cheguei a casa, sentei-me no chão da sala e esvaziei o saco. Talvez fosse um cheiro a mofo da minha toalha ou talvez me tivesse esquecido no saco de uma meia suja já com alguns dias. Mas todo o meu equipamento de ginástica cheirava bem. Procurei dentro do saco, mexendo em todos os bolsos mas não encontrei nada. Não conseguia perceber. Ainda sentia esse cheiro doentio.

Ao pegar num dos meus ténis para ver se tinha algo na sola, senti que algo dentro do sapato se deslocou e caiu sobre a minha perna. Quando vi os olhos negros e cegos, o bico aberto, a patas rígidas, gritei e gritei e

esperneei freneticamente até que aquilo escorregou da minha perna para o chão. Recuei até um canto da sala e fiquei lá sentada, agarrada com força aos meus joelhos, a soluçar descontroladamente e a baloiçar para a frente e para trás como uma lunática. Passou ainda muito tempo antes de ficar suficientemente calma para pegar no pardal morto e ir deitá-lo no caixote do lixo na rua.

Depois disso soube que tinham ganho: foi aí que soube que não iria aguentar mais o medo, a dor e a humilhação.

Certa quinta-feira à noite, estava sentada no meu quarto e pensava no assunto de forma muito pragmática. Mesmo se, por algum milagre, eu conseguisse arranjar coragem para as denunciar, estava ainda plenamente convencida de que isso iria apenas piorar a minha situação. O diretor da escola iria chamá-las à sua sala e elas iriam negar tudo. Não havia provas contra elas (ninguém na minha turma as iria denunciar), por isso era apenas a minha palavra contra a delas. Sem provas, o diretor — um tipo fraco, incapaz e paranoico de qualquer má publicidade para a escola — não iria fazer nada. Se eu as acusasse, elas estariam livres de me perseguir com uma determinação e uma maldade ainda maiores. Era já demasiado tarde para me transferir para outra escola, agora faltavam apenas dois trimestres para o início dos exames. Além disso, mesmo se mudasse de escola, elas continuariam a saber onde eu vivia.

Poderiam facilmente fazer-me uma emboscada ou, pior ainda, poderiam até decidir levar a sua campanha de ódio até minha casa — a *minha* casa! —, o único sítio onde eu ainda me sentia a salvo delas. Não conseguia suportar a ideia de a minha mãe encontrar algo obsceno na nossa caixa de correio. Tudo, tudo menos isso.

Não parecia haver qualquer saída daquela miserável existência que era a minha. Ou talvez houvesse uma.

Planeei tudo sentada à minha secretária, como se se tratasse de mais um trabalho de casa. Decidi fazê-lo dali a dois dias, num sábado, quando a mãe ia fazer as compras semanais ao supermercado nos arredores da cidade. Costumava ir com ela, mas dessa vez diria que me estava a doer a cabeça. Depois de muito pensar, decidi-me pela melhor forma de o fazer (a viga na garagem onde o pai costumava pendurar o seu saco de boxe; o cinto grosso do meu robe de banho) e rasguei uma folha de papel de um caderno de exercícios para escrever uma mensagem à mãe.

Mas, mesmo depois de meia hora ali sentada, as palavras pura e sim-

plesmente não me saíam. Ainda não conseguia contar-lhe sobre o assédio das minhas colegas, nem mesmo numa nota, uma nota que ela leria apenas depois da minha morte. Não conseguia perceber porque me era tão difícil confessar-lhe isto. Tudo o que me ocorria era que, por mais intimidade que tenhamos com alguém, há limites, barreiras entre nós que não podemos mesmo ultrapassar, coisas que nos tocam tão fundo que não podem ser partilhadas com mais ninguém. *Talvez seja o que não podemos partilhar com os outros o que verdadeiramente nos define*, pensei então.

Enquanto procurava as palavras certas na minha cabeça, estivera a fazer uns gatafunhos inconscientemente, e quando olhei para baixo, para a folha de papel, não consegui impedir um sorriso amargo ao ver o que tinha desenhado. Era um rato. E à volta do seu pescoço estava o laço de uma grossa corda de enforcado.

Eu sabia que era tímida. Sabia que tinha a tendência para chorar facilmente, para tremer e perder a voz à mais pequena reprimenda ou sinal de agressão. Mas tinham sido os meses de agressões e assédio que me tinham feito perceber, por fim, o que eu era realmente: um rato, um rato humano. E ao mesmo tempo, apercebi-me de que este desenho seria o mais eloquente testemunho que eu poderia deixar para trás. Dobrei a folha ao meio, escrevi “Mãe” num dos lados e deixei-a na gaveta de cima da secretária, onde seria facilmente encontrada.

E teria sido assim que a minha vida acabaria, como as vidas de tantos outros ratinhos pequenos e fracos antes de mim — pendurada de um nó feito por mim, os meus pés rodando em círculos cada vez mais estreitos, as minhas mãos a tremerem com espasmos — se as minhas atormentadoras não tivessem lançado a sua mais cruel ratoeira no dia seguinte.

Esse horrível ataque, ironicamente, acabou por me salvar a vida.

7

Lembro-me do ataque que me podia ter matado com bem menor clareza do que muitos dos outros.

Tinha ido à casa de banho das raparigas no intervalo, porque as dores do período estavam a ser particularmente intensas nessa manhã. Pensei ter ouvido a Teresa e a Emma a falar, mas quando saí do cubículo, havia apenas algumas raparigas mais novas a falarem umas com as outras junto ao dispensador das toalhas de papel. Fui lavar as mãos. A água estava fria e deixei-a correr e esperei que aquecesse um pouco. Mal tinha posto um pouco do sabonete líquido de cor azul-turquesa na palma da mão, fui subitamente agarrada pelo pescoço e puxada com violência para trás.

Vi de relance o rosto enrubescido da Jane e as miúdas mais novas a correrem apavoradas para fora da casa de banho enquanto eu era atirada com força contra a porta do cubículo. A minha testa embateu violentamente no caixilho da porta e, completamente aturdida, com um zumbido na cabeça e estrelas a brilhar em frente dos olhos, escorreguei numa folha de papel molhado e acabei por cair e ficar sentada no chão.

Estava consciente da presença da Emma e da Teresa, que se ajoelharam junto a mim, mantendo-me quieta, quase como se me estivessem a ajudar. Ouvi um ruído metálico bem perto do meu rosto, um clique, e a voz da Emma que dizia: “É assim que se cozinha um porco”. A Teresa e a Jane deram uma enorme gargalhada, e depois todas saíram da casa de banho.

Permaneci sentada no chão, confusa, durante o que pareceu ser muito tempo. Toquei no nariz, que começara a sangrar, e senti uma estranha

comichão no couro cabeludo. Estava a pôr-me de pé, ainda a cambalear, quando uma das raparigas mais novas entrou e me viu. Deu um grito agudo, parecido com os dos filmes de terror, depois virou-se e fugiu de novo.

Consegui equilibrar-me e manter-me em pé, e comecei a caminhar devagar, a tremer, em direção ao espelho para me limpar a tempo da próxima aula. Mas quando procurei o meu reflexo, *eu não estava lá*. Havia uma rapariga com o meu tamanho que usava a blusa e a saia que eu tinha posto nessa manhã — mas não tinha cara. Em vez disso, tinha uma bola de chamas revoltas e cor de laranja.

Não estava ainda plenamente consciente do horror que via no espelho quando o senhor Morrison entrou. Veio a correr na minha direção (*vi tudo em câmara lenta*), a gritar como um soldado em plena carga (*mas não conseguia ouvir nada*), e, depois de tirar o seu casaco (*foi aí que me apercebi de que a rapariga no espelho era eu*), susteve-o como se de um cobertor se tratasse (*gritei pela minha mãe*) e atirou-o para cima da minha cabeça em chamas (*mas não saiu qualquer som*).

E depois tudo se apagou.

Enquanto eu estava no hospital, a mãe encontrou o meu diário. Andava à procura do meu pijama favorito, de cor azul-bebé, quando se deparou com ele. Quebrou o pequeno aloquete que o fechava, e leu tudo. Chocada e horrorizada, foi diretamente à minha escola e mostrou-o ao diretor.

Ela contou-me mais tarde que o diretor tinha ordenado que as três raparigas fossem ao seu escritório, insistindo que a minha mãe ficasse lá e assistisse ao interrogatório (podia imaginá-la a contorcer-se, tão relutante em confrontá-las como eu). Ao que parece, a Teresa, a Emma e a Jane não se mostraram minimamente intimidadas pela convocatória; para elas, o diretor não passava de uma anedota, um palhaço obeso e trapalhão saído de uma série cómica de terceira categoria. Nem se mostraram desconcertadas com a presença da minha mãe. Ela disse-me que se sentaram de forma lenta e preguiçosa nas suas cadeiras, a sorrirem maldosamente e em silêncio, olhando-a com desprezo, esquecidas que estavam todas as memórias da sua hospitalidade e da sua amabilidade para com elas.

O diretor leu em voz alta alguns dos excertos mais condenatórios do meu diário e depois perguntou:

— Bem, o que têm a dizer sobre isto?

E, pelo que a minha mãe me contou, tinham muito a dizer. Gritando todas ao mesmo tempo, negaram furiosamente ter-me agredido e afirmaram que não tinham estado na casa de banho das raparigas quando eu fora

atacada. Podia quase ouvir as suas três vozes unindo-se numa só, como num jogo de cama de gato.

— Ela está só a querer meter-nos em sarilhos! Ela é uma anormal! É tudo mentira!

Foi nessa altura que a minha mãe falou pela única vez. Doía-me só de imaginar o quanto isso lhe deve ter custado. Imaginar o rosto corado e os seus lábios trementes ao dizer:

— A Shelley não mente.

A Emma respondeu-lhe imediatamente.

— Se é tudo verdade, porque é que ela nunca lhe contou?

E a mãe voltou a calar-se.

Sentada na sua cadeira e inclinando-se na direção dela, a Teresa dirigiu-se à minha mãe com um sorriso trocista.

— Talvez a Shelley tenha ido à casa de banho das raparigas para fumar e teve um acidente qualquer com o isqueiro. Talvez tenha ido lá para *fumar uma*, senhora Rivers.

A Emma e a Jane tiveram de cruzar as pernas e morder os lábios para não reboarem de riso com esta piada maldosa.

Mais tarde nesse dia, foram interrogadas pela polícia. Aqui levaram a coisa mais a sério. Cada rapariga foi levada separadamente para uma das salas à prova de som na esquadra local, onde um agente lhes fez perguntas sobre o ataque.

Conseguia imaginar: as três a negarem tudo, com vozes distorcidas pelo medo e pelo choro enquanto os pais delas lhes pegavam nas mãos e as confortavam, convencidos de que as suas queridas filhas eram incapazes de fazer algo tão bárbaro como pegar fogo ao cabelo de outra rapariga. As três a contarem mentira atrás de mentira, repetindo cuidadosamente o álibi que tinham antes combinado entre elas, enquanto os seus advogados estavam tensos nas suas cadeiras, prontos a saltarem como bonecos de caixas-surpresa e objetarem cada pergunta que achassem menos adequada às suas vulneráveis e jovens clientes, e a pedirem tratamento justo para raparigas que não sabiam sequer o significado da palavra “justiça”.

Enquanto isso se passava, eu estava na enfermaria feminina “Lavanda” do hospital local, uma sala com doze camas. De acordo com o médico, eu tinha tido muita sorte. Tentou explicar-me o que tinha acontecido, mas não consegui acompanhar tudo. Tinha sido salva pelo facto de as chamas terem subido, levando todo o meu cabelo com elas. Isto tinha sido feito, em parte, de uma corrente de ar vinda de uma das janelas da casa de banho. Significava que a zona de maior calor das chamas estava acima da minha cabeça

e não no meu rosto. Ao que parecia também, o meu cabelo estivera a arder pouco tempo: segundo ele me explicou, eu ficara com a sensação de que tinha durado mais porque estava em estado de choque e o choque abrandava a percepção do tempo até à velocidade de um caracol.

Por milagre, sofrera apenas queimaduras de segundo grau no pescoço, testa, orelha direita e mão esquerda, a qual devo ter exposto às chamas sem ter a noção do que fazia ou sem ter sentido qualquer dor. Os meus olhos e ouvidos não tinham sofrido qualquer dano, e nem todo o cabelo tinha ardido. Uma visita a um bom cabeleireiro para o aparar num estilo curto e — com a exceção de uma mancha vermelha na parte de trás da cabeça — seria como se o ataque nunca tivesse existido. Havia marcas, é claro — uma zona feia de padrão marmoreado, vermelho e branco, na testa e no pescoço —, mas ele assegurou-me de que elas iriam sarar e desaparecer em pouco tempo.

Deram-me analgésicos e várias injeções. As queimaduras foram untadas com um creme frio e de aroma adocicado e ligeiramente cobertas com gaze. Podia ter ido para casa nessa tarde, mas o médico disse que, como eu estivera em choque e desmaiara, queria manter-me sob observação alguns dias para garantir que estava tudo bem.

Levei muito tempo a adormecer nessa primeira noite, com todos aqueles ruídos estranhos e desconhecidos e aquela azáfama à minha volta. A verdade é que um hospital nunca adormece realmente à noite, apenas descansa um pouco. As enfermeiras do turno da noite andavam de um lado para o outro na enfermaria, a atender os pacientes que tinham tocado o botão ou chamado por elas em sussurros enrouquecidos; os pacientes arrastavam os seus chinelos a caminho da casa de banho e de volta à cama; um novo paciente deu entrada numa maca às três da manhã; foram colocados biombos em torno da cama de uma paciente idosa no fundo da enfermaria, e o meu médico apareceu, com os olhos vermelhos e a barba por fazer, para cuidar dela. Mesmo se a enfermaria estivesse em silêncio absoluto, a luz do corredor principal, acesa toda a noite, teria dificultado a chegada do sono.

Contudo — e apesar do trauma por que tinha passado e da sensação desconfortável de frio no meu rosto, pescoço e mão —, eu sentia-me estranhamente mais feliz ali, deitada sob aqueles lençóis bem apertados, do que me sentira em muitos meses. Tudo estava às claras agora. A minha mãe sabia. A escola sabia. A polícia sabia. O hospital sabia. Foi como se um enorme peso que eu tentara carregar sozinha me tivesse sido tirado de cima por uma enchente de mãos amigas. Agora outras pessoas poderiam ocupar-se do problema, pessoas adultas, profissionais, especializadas neste tipo de assuntos. Estava finalmente livre de tudo aquilo.

Senti-me maravilhosamente em paz na atmosfera especial do hospital. Adorei a regularidade da rotina (*uma chávena de chá às três, visitas às cinco, jantar às sete*); adorei as enfermeiras nos seus impecáveis uniformes brancos, que paravam sempre para trocar umas palavras comigo, sabendo que eu era a paciente mais nova da enfermaria. Adorei até o penetrante aroma a pinho do desinfetante, que pairava sobre tudo, e a música instrumental ligeira que passavam para as senhoras mais velhas à tarde — sons suaves e indistintos de uma outra era e que eram estranhamente reconfortantes. Gostei da companhia das outras mulheres, que se preocupavam comigo e me faziam rir com as suas piadas atrevidas e os seus palavrões. Mimavam-me imenso, insistindo que ficasse com os doces e chocolates que os seus parentes lhes tinham trazido e recusando-se a aceitar que eu dissesse não.

Havia muitos outros ratos na enfermaria, e talvez tenha sido por isso que me senti tão em casa. Havia a Laura na cama junto à minha, um rato de cinquenta e um anos, cujo marido lhe batera com um taco de basebol apenas porque ela tinha aquecido de mais o jantar. Havia a Beatrice, que tinha dezoito anos, na cama do lado oposto, cuja conversa bem-disposta e piadas eram contraditas pelas enormes ligaduras nos seus pulsos. Unia-nos um vínculo comum, aquilo a que eu chamei *a irmandade do rato*. Gostava de me divertir a imaginar o emblema da irmandade que usaríamos ao peito: um rato de pescoço partido numa ratoeira com a divisa “nati ad aram” numa fita ondulante — *nascidas com o gene da vítima*. Seria essa a verdadeira herança que a minha mãe me deixara?

Sentada na cama, folheando uma revista ou a fazer desenhos ao acaso no meu caderno, sentia-me relaxada e otimista quanto ao futuro. Na sua sanha sádica de me agredirem, a Teresa, a Emma e a Jane tinham acabado ainda pior do que eu. Era possível que fossem processadas pelo que me tinham feito, e podiam mesmo ir parar à prisão. No mínimo, seriam expulsas da escola. Fosse como fosse, desapareceria da minha vida para sempre. Regressaria à escola e tudo voltaria ao normal.

Normalidade! Ó gloriosa, aborrecida e vulgar normalidade! Não conseguia pensar em algo mais maravilhoso do que isso!

8

O meu otimismo começou a esmorecer mal tive alta e dei por mim de regresso ao “lar matrimonial”, rodeada pelas memórias sombrias dos falhanços do casamento dos meus pais e das minhas amizades.

A minha mãe e eu tivemos a visita de um inspetor da polícia que nos informou secamente de que não seria instaurado um processo contra as três raparigas que eu tinha acusado (a palavra *acusado* fazia parecer que eles achavam que eu estava a *mentir!*). Havia falta de provas, segundo nos disse. Nenhum dos outros alunos da escola as tinha visto a pôr fogo ao meu cabelo. Os pais das alunas mais novas — que, pelo menos, as tinham visto a atirarem-me contra a porta — tinham deixado claro que não deixariam as suas filhas envolverem-se num julgamento criminal. A não ser que uma das três confessasse e estivesse pronta a testemunhar contra as outras duas, não havia qualquer possibilidade de uma acusação sólida — e eu sabia que isso nunca iria acontecer.

Aproximadamente uma semana mais tarde, chegou uma carta do diretor da escola. Eu e a mãe lemo-la ao pequeno-almoço. Começou por me desejar, em nome do pessoal da escola e de todos os estudantes (*todos os estudantes?*), uma rápida recuperação, e passou logo às más notícias. No seguimento de uma “exaustiva investigação”, escreveu ele, não tinha sido encontrada qualquer prova que pudesse apoiar as “alegações” que eu fizera no meu diário. As três raparigas “negaram energicamente” terem iniciado contra mim uma “campana” (com gralha e tudo!) de *bullying*, bem como “qualquer conhecimento” do “infeliz incidente” do dia vinte e três de outu-

bro. Afirmava ter recebido “fortes representações” dos pais das três raparigas, todos “afirmando vigorosamente a sua inocência” e apontando para a decisão da polícia de não avançar com um processo como prova de que não havia, da parte deles, nada de que se defenderem. À luz disto, “a direção da escola decidiu não agir disciplinarmente contra Teresa Watson, Emma Townley e Jane Ireson”.

A carta referia ainda que a escola tinha em ação algumas das mais duras medidas *anti-bullying* do país, e manifestava grande orgulho em todo o seu historial neste campo. O diretor esperava que a mãe não estivesse a considerar processar a escola — mas, caso ela estivesse, avisou-a de que teria pela frente uma “robusta defesa”. O parágrafo final era assim:

Desejamos poder receber de novo a Shelley na nossa comunidade o quanto antes. Não precisamos de lhe lembrar, claro, que se trata de um ano vital para a Shelley, com os exames finais que a esperam já em junho, e, por isso, devem ser envidados todos os esforços para assegurar que a ausência da Shelley das aulas seja o mais breve possível.

Não só não haveria um processo, como elas nem sequer iriam ser expulsas da escola pelo que me tinham feito — não iam ser sequer repreendidas!

Pessoas há que teriam reagido vigorosamente contra a escola e teriam ido junto do diretor e rasgado aquela carta mesmo em frente dele; pessoas há que teriam começado a ligar para os jornais nacionais e denunciado a escola e o seu diretor cobarde; pessoas há que teriam chamado a estação local de televisão a sua casa para que filmassem as cicatrizes no rosto e no pescoço. Pessoas há que teriam feito tudo para se assegurarem de que aquelas raparigas seriam punidas pelo que tinham feito e que toda a gente soubesse exatamente o que se tinha passado...

Mas nós não éramos esse tipo de pessoas. Éramos ratos. Humildemente, agradecemos o esforço do inspetor de polícia e aceitámos o facto de que não haveria um processo. Humildemente, aceitámos a decisão do diretor de não castigar disciplinarmente as três raparigas. Humildemente, aceitámos, submetemo-nos, não dissemos nada, não fizemos nada, porque a única coisa que um rato sabe fazer é render-se mansamente.

Na segunda semana de novembro, eu já não sentia dores ou qualquer tipo de desconforto. Não havia realmente nada que me impedisse de regressar à escola. A não ser o facto de saber que a Teresa, a Emma e a Jane estariam à minha espera. E que aconteceria na próxima vez que elas me conseguissem encurralar a sós de novo?

Enquanto a mãe estava no trabalho, eu andava ali pelo “lar matrimonial”, abatida. Sentava-me em frente ao espelho do meu quarto a tentar em vão fazer algo com o meu cabelo cortado. Não me ficava nada bem: dava um ar masculino ao meu rosto, fazia a minha cabeça parecer grande de mais para os meus ombros e mostrava as minhas orelhas, que eu sempre detestara. Com desgosto e relutância, examinava a minha testa e o meu pescoço, e via a fina rede tentacular das queimaduras sobre a minha pele pálida, como a membrana de um ser alienígena (*porque não estavam a sarar? O médico disse que elas iam sarar!*).

E os meus pensamentos regressaram àquela viga na garagem, àquele cinto do meu robe de banho...

Foi então que recebi as melhores notícias possíveis. O diretor, tomando o nosso silêncio patético por um desafio e aterrorizado por má publicidade, escreveu-nos outra carta. Desta vez, fazia-nos uma proposta: se a mãe concordasse em não avançar com um processo contra a escola e não falar sobre “o incidente do dia vinte e três” a quaisquer *media* (incluindo jornais, estações de televisão, rádio e internet), eu não teria de regressar à escola. Em vez disso, esta trataria com as autoridades locais de me arranjar professores particulares que pudessem ensinar-me em casa até à altura dos exames no verão — os quais poderia também fazer em casa. Além disso, tinham recomendado ao conselho responsável pelos exames que os trabalhos escolares e testes que eu tinha feito até aí deveriam receber um aumento de nota de dez por cento, em virtude das “difíceis circunstâncias nas quais tinham sido feitos (pelas quais, contudo, a escola não assume quaisquer responsabilidades)...”

A mãe assinou o documento da proposta ali mesmo, enquanto eu rodopiava e dançava de alegria em torno dela, e enviou-o para a escola com aviso de receção. Eu estava delirante de felicidade. Não tinha de voltar à escola! Não tinha de voltar a encarar as minhas atormentadoras! Com professores particulares em minha casa cinco horas por dia, estava certa de que me iria preparar condignamente para os exames. Voltaria à escola livre dessas raparigas e começaria a preparar-me para a universidade. Faria uma data de novos amigos. A minha vida iria começar de novo...

Para celebrar, a mãe fez-me a minha comida favorita para o jantar nessa noite: pato em molho de laranja com batatas assadas, ervilhas e brócolos, e, para sobremesa, tarte de maçã e gelado. Para minha surpresa, colocou uma garrafa de vinho tinto em cima da mesa junto com dois copos largos.

— Sabias que estás a ir contra a lei, mãe? — disse a brincar, enquanto ela me servia o vinho e ele gorgolejava e salpicava o interior do copo de vidro. — Só daqui a dois anos é que terei a idade legal para poder beber. E tu és uma advogada!

— Acho que mereces — disse ela a sorrir.

Notei como estava cansada — as rugas sob os seus olhos estavam mais sulcadas, e havia mais cabelos brancos por entre o seu cabelo preto ondulado — e apercebi-me do quão dura toda aquela provação tinha sido para ela também. *É a maldição das mães, pensei, condenadas a sentirem as dores dos seus filhos tão intensamente como se fossem suas.*

— Tu também mereces, mãe — disse-lhe e, a sorrir, fizemos um brinde.

— Seja como for — acrescentou — tu fazes dezasseis anos daqui a... quanto tempo? Quatro meses? Se aos dezasseis já podes casar, então também podes beber um copo de vinho.

A meio do jantar tocou o telefone que estava em cima da mesa de pequeno-almoço, e a mãe apressou-se a engolir a comida que tinha na boca antes de atender. Fez caras cómicas de aflição enquanto ficou ali a mastigar junto ao telefone, a mexer a cabeça de um lado para o outro, a rolar os olhos, e mastigava, e mastigava, e mastigava mas sem conseguir engolir. Ri-me como uma perdida daquelas macaquices, sem dúvida graças ao vinho, que me tinha subido à cabeça. Por fim, lá conseguiu atender a chamada. Era o Henry Lovell, o seu advogado. Disse-lhe que o casal que tinha manifestado interesse em comprar o “lar matrimonial” acabara de fazer formalmente uma oferta que “a outra parte” (quer dizer, o marido dela, o meu pai) tinha aceite.

— Então... como vai essa procura de casa? — perguntou ele.

— Não vai! — disse a mãe. — Nem começámos!

— Bem, então é melhor apressarem-se — avisou-a ele. — Pelo que sei, estas pessoas estão ansiosas por se mudarem o quanto antes.

Bebemos o resto do vinho como convinha a uma dupla celebração, e na manhã seguinte acordei com a minha primeira ressaca. Mas nem a dor incisiva nas minhas têmporas conseguia desanimar-me. Acabara-se a escola. Acabara-se a Teresa, a Emma e a Jane. Acabara-se a humilhação. Acabara-se o sofrimento em silêncio. Acabara-se a dor. E, acima de tudo, o “lar matrimonial” tinha sido vendido. Íamos sair finalmente daquela casa dos horrores, daquele museu em honra de um casamento falhado!

Seis semanas mais tarde, estava no jardim da frente da casa de Honey-suckle, a contemplar o funéreo monte de terra do canteiro de rosas oval.

9

A nossa vida em Honeysuckle rapidamente assentou numa agradável rotina. Tomávamos o pequeno-almoço todas as manhãs na mesa de pinho da cozinha. Eu preparava tudo (e ficava muito orgulhosa por fazê-lo com o máximo cuidado) enquanto a mãe andava de um lado para o outro no seu pânico habitual das manhãs, a passar a ferro à pressa uma blusa lavada, a mandar *e-mails* de última hora ou à procura por todo o lado de algo que perdera. Alternávamos os pequenos-almoços entre torradas e flocos, e mantínhamos essa rotina até aos fins de semana.

A mãe saía de casa perto das oito e um quarto, porque agora tinha de apanhar um transporte mais longo para chegar ao trabalho. Despedíamos-nos exatamente da mesma forma todos os dias, como um casal de idosos — dava-lhe dois beijos rápidos no hall de entrada, pedia-lhe que guiasse com cuidado e depois ficava à porta a dizer-lhe adeus enquanto o velho *Ford Escort* se arrastava lentamente sobre o caminho de cascalho. Ela olhava sempre para trás e lançava-me um pequeno aceno final, dobrando os dedos bem apertados uns aos outros como uma marioneta de luva a fazer uma vénia. Quando ela se ia embora, eu lavava a loiça do pequeno-almoço e do jantar da noite anterior, a ouvir as notícias na rádio, e depois subia ao meu quarto e vestia-me.

Às dez em ponto, chegava o meu professor particular principal, Roger Clarke. Ele dava-me aulas de Inglês e Literatura, História, Francês e Geografia, as cinco disciplinas em que tinha mais confiança de ter as melhores

notas. O Roger e eu instalávamo-nos na enorme mesa da sala de jantar, bebendo chávenas de chá umas atrás das outras, chá que ele dizia ser tão forte que “quase fazia com que a colher se mantivesse na vertical dentro da chávena”.

A mãe não tinha gostado muito da ideia de ter um homem em casa a dar-me aulas, mas, depois de ter a certeza que a sua escolha pelas autoridades escolares tinha sido consensual, e depois de o conhecer pessoalmente, lá acabou por aceitar. Deve ter visto que o Roger não constituía qualquer tipo de perigo para mim porque o Roger era um rato também. Usava o emblema da irmandade do rato ao peito tal como eu e a mãe, e senti por ele uma empatia imediata.

Tinha apenas vinte e sete anos, mas tinha já perdido quase todo o cabelo por causa do stress. Tudo o que restava eram dois tufoes espessos por cima das orelhas. Talvez para compensar isso, usava um bigode loiro farfalhado. Era quase anorético de tão magro, e usava óculos de aros redondos de tartaruga que, como lupas, aumentavam os seus olhos verdes. Quando falava, a sua maçã de Adão andava para cima e para baixo na garganta como um ovo cozido. Apesar da sua aparência algo estranha, senti-me imediatamente confortável com o Roger, e depressa me apercebi do brilhante professor que ele era: com as suas explicações ditas numa voz suave, coisas que na escola achava difíceis de entender tornavam-se, de repente, muito simples.

O Roger e eu entendemo-nos bastante bem. Era muito mais um amigo do que um professor. Durante os intervalos da “concentração” que fazíamos regularmente, foi-me contando cada vez mais sobre ele. Tinha tirado um curso universitário de História com excelente nota e depois tinha-se preparado para ser professor. Ensinar sempre fora a sua ambição: os seus pais tinham sido professores, e ele tinha visto a satisfação e o prazer que eles tiravam do seu trabalho.

Para o Roger, contudo, a realidade acabara por ser bem diferente dos sonhos. Dera por ele numa escola em que muito poucos alunos se interessavam pela aprendizagem. Por causa do seu aspeto, era odiado pelos alunos, que lhe chamavam “o feto”. Tinha tido enormes problemas com a disciplina das suas turmas. Nos cinco anos em que esteve nessa escola, fora assaltado *onze vezes* pelos alunos. O seu carro fora arrombado e furaram-lhe os pneus tantas vezes que ele acabou por vendê-lo e ir a pé de casa para a escola e de novo para casa, um percurso total de mais de seis quilómetros. Não podia apanhar o autocarro porque tinha medo que alguns dos seus alunos fossem nele.

Depois de um aluno o ter cabeceado na boca e lhe ter partido um dente da frente, acabou por ter um esgotamento nervoso e foi forçado a demitir-se por motivos de saúde. Quando melhorou, regressou à universidade

para escrever uma tese sobre as origens da Primeira Guerra Mundial (*um dos maiores massacres de ratos da História*). Tinha problemas financeiros, porque a sua bolsa não era grande, e um amigo sugeriu-lhe que se apresentasse às autoridades escolares locais como professor particular de crianças demasiado doentes ou aterrorizadas para irem à escola. Eu era apenas a sua segunda aluna.

A companhia do Roger fez-me perder a minha antiga timidez, e contei-lhe de bom grado a minha história: sobre o meu pai, cuja vida sexual era mais importante para ele do que a sua própria filha; sobre as JETS e como elas me tinham deixado quase inconsciente e tinham posto fogo ao meu cabelo.

— É espantoso — disse-lhe um dia — como eu fui aluna e tu foste professor, e ambos acabámos por ser vítimas de *bullying* na escola.

Franziu o sobrolho, como se quisesse marcar ainda alguma distinção entre nós por causa da diferença de idades, mas depois sorriu, como se dissesse: “Para quê negá-lo se é a verdade?”

— Temos muito em comum — disse eu.

Os seus olhos verdes distorcidos pelas lentes pousaram em mim.

— Sim, Shelley, temos muito em comum.

À uma, parávamos o trabalho, e o Roger saía para regressar ao seu apartamento na cidade, nunca se esquecendo da sua frase sarcástica de despedida: “Ainda bem que trouxe um novelo de lã comigo, senão não conseguia regressar à civilização!”

Eu preparava um almoço ligeiro para mim — normalmente, uma salada — e sentava-me a ver as notícias na televisão. A carga de trabalho da mãe era tão pesada que tinha de trabalhar na hora de almoço, em que costumava apenas mordiscar uma sanduíche sentada à secretária. Enquanto o Blakely, o Davis e os outros sócios da firma se empanturravam num restaurante ali por perto, a gabarem-se aos berros como os tipos importantes que gostavam de pensar que eram, a mãe sentava-se numa sala vazia a corrigir calma e eficientemente os erros que eles tinham cometido.

Depois do almoço, embrenhava-me no romance que estivesse a ler por esses dias, sentada no assento da janela do meu quarto, banhada naquela luz brilhante. Se estivesse calor — e houve belos dias em fevereiro —, ia lá para fora ler, sempre com o cuidado de proteger do sol as cicatrizes na testa e no pescoço.

Às duas e meia, chegava a senhora Harris, uma mulher pequena e combativa, de cabelo cor de laranja e que aparentava ter cinquenta anos. Não me dava tão bem com ela como com o Roger, e não era apenas porque ela me dava aulas de Matemática e Ciências, as duas disciplinas de que eu menos gostava.

A senhora Harris tinha dado aulas a ratos como eu durante anos a fio e, com o tempo, a sua simpatia tinha-se gasto. Tinha chegado à conclusão de que não passávamos de uns preguiçosos, crianças mimadas, apapricadas e incapazes de enfrentar a realidade da vida. Certa vez, tinha-lhe falado das minhas cicatrizes, e ela respondera bruscamente e com um tom sardónico.

— Cicatrizes? Cicatrizes? Chamas a isso *cicatrizes*? Devias ir ao hospital e ver o que são queimaduras a sério. Um bocadinho de maquilhagem e as tuas cicatrizes nem se notam. O problema com a juventude de hoje é esse: demasiado vaidosos, só pensam neles mesmos.

Senti-me ofendida com aquela resposta dela, mas era demasiado fraca para me defender e me impor perante ela. Eu sentia que vira muito da realidade da vida, *demasiado* até. Duvidava que esse fosse o caso da senhora Harris, caso contrário ela teria mostrado mais compreensão.

A senhora Harris partia às quatro e meia e eu ficava a fazer os trabalhos de casa que tivesse em mãos até a mãe voltar do trabalho perto das seis e meia. Se tivesse acabado os trabalhos, praticava um pouco com a flauta, com a estante da partitura colocada junto ao piano de forma a poder ter uma vista do jardim da frente enquanto ainda havia luz. Se não me apetecesse tocar flauta, lia um pouco mais, ou ia pintar aquarelas. Como não era muito boa a criar imagens por mim mesma, ia buscar um dos grandes livros de arte das estantes do salão e copiava um cavalo particularmente bonito ou uma paisagem interessante. Às vezes experimentava pintar um dos objetos nas bancadas da sala de jantar — a taça de madeira com o *potpourri*, o vaso com as flores secas ou uma das muitas peças decorativas de vidro ou porcelana chinesa que a mãe colecionara ao longo dos anos. A maioria destas peças tinha sido oferecida pela sua própria mãe (a minha nunca tivera a coragem de lhe dizer que não gostava muito delas). Eram horrivelmente *kitsch* — um ouriço da Beatrix Potter, uma menina florista de estilo vitoriano com faces rosadas, um rapazinho a pescar com um fio atado ao dedo grande do pé, um golfinho de vidro a emergir da água, um casebre de palha em miniatura — mas, por estranho que pareça, quanto mais *kitsch* pareciam, mais nos divertiam e mais ligadas a eles nos sentíamos.

Era das noites que passava com a minha mãe em Honeysuckle que gostava mais. Quando ela regressava do trabalho, fazia-lhe chá e sentávamo-nos à mesa da cozinha e conversávamos. Tínhamos adotado um costume que víamos num filme da Michelle Pfeiffer, *Vida a Dois*, em que os membros de uma família descrevem, à vez, os pontos altos e baixos do seu dia durante o jantar.

Os meus pontos altos eram, normalmente, coisas como ter uma boa nota do Roger, ler um capítulo particularmente excitante num romance ou pintar um quadro que saísse mesmo bem. Pontos baixos eram sentir-me

deprimida por causa das cicatrizes que ainda tinha na testa e no pescoço, ou pensar no meu pai e sentir-me zangada com ele por nos ter abandonado da maneira que o tinha feito. Os pontos altos da mãe eram resolver casos com sucesso e ser elogiada por clientes satisfeitos; os baixos costumavam ter a ver com o odioso senhor Blakely, que a tratava mal — por vezes dizia-lhe palavrões — ou tentava esfregar-se nela na sala das fotocópias.

A mãe procurava sempre encorajar-me, insistindo em que as cicatrizes estavam a melhorar, e eu procurava fazer-lhe o mesmo no que dizia respeito ao senhor Blakely, ainda que pudesse fazer pouco mais do que reconfortá-la com banalidades. Ela não podia arriscar a perda daquele trabalho. Precisava dele. *Precisávamos* dele. Mas quanto ao assunto do pai, era mais complicado. Não muito abaixo da superfície da raiva que lhe tinha, havia uma intensa sensação de culpa. Aqueles soldados gregos estavam perigosamente perto de saltar de dentro do cavalo de Troia e danificar os laços que me ligavam à minha mãe, e eu podia vê-la a ficar rígida de cada vez que o mencionava nas conversas. Tinha um medo atroz de a magoar, de a afastar de mim, pois estava plena e agudamente consciente de que eu não tinha quaisquer amigos e de que, sem ela, estaria perdida.

Depois do nosso chá, a mãe ia vestir as roupas de andar por casa e a seguir íamos preparar o jantar juntas. Ambas adorávamos comer e cozinhar, e gostávamos de tentar receitas complexas tiradas dos nossos inúmeros livros de culinária. Por vezes, passávamos um bom par de horas na cozinha a cortar vegetais em cima da pesada placa de mármore que a mãe trouxera de Itália havia anos, enquanto as panelas silvavam e borbulhavam no fogão.

Depois do jantar, sentávamo-nos no salão com o aquecimento central quase no máximo, e um fogo a arder na lareira se o tempo tivesse ficado mais frio lá fora. Costumávamos ler os nossos romances (ainda que a mãe tivesse muitas vezes de ler coisas do trabalho) e ouvíamos música clássica. Eu tinha crescido a ouvir música clássica, que era uma das maiores paixões da mãe — ela era uma pianista amadora muito competente — e ainda que tentasse gostar de música pop, nunca o conseguira verdadeiramente. Adorávamos Mozart e Chopin, Tchaikovsky e Brahms, mas as nossas favoritas eram as óperas de Puccini. Sem vizinhos num raio de muitos quilómetros, podíamos aumentar o volume da aparelhagem ao máximo e deleitar-nos com a trágica beleza de *La Bohème* ou de *Madame Butterfly*.

Fora as notícias, não víamos muita televisão. A programação geral parecia ser feita à base de documentários deprimentes sobre viciados em *cra-ck* de Nova Iorque ou sobre a SIDA em África, telenovelas baratuchas e mal interpretadas ou *reality shows* de uma condescendência inacreditável. Mas gostávamos de filmes, em especial comédias românticas, e procurávamos sempre nos jornais para saber se havia alguns bons filmes programados. Os

nossos favoritos eram filmes já velhinhos como *Você Tem Uma Mensagem* e *Sintonia de Amor* com o Tom Hanks e a Meg Ryan, e clássicos do Hugh Grant como *Notting Hill* e *Quatro Casamentos e Um Funeral*, esse tipo de coisas. Não gostávamos dos filmes modernos — pareciam algo vulgares e sexualmente agressivos, e sentia-me desconfortável a vê-los com a mãe. Ambas tínhamos uma paixoneta pelo George Clooney e aguentávamos as infundáveis poses machistas e os enredos incompreensíveis do *Ocean's Eleven* só para poder vê-lo. De vez em quando, ele tinha um certo ar ou dizia algo que me fazia lembrar — só um bocadinho — o meu pai. Nunca disse isto à mãe, claro, mas perguntei-me muitas vezes se ela sentia o mesmo.

Habituíamo-nos a tomar uma chávena de chocolate quente pelas dez da noite, e às onze estávamos já as duas a adormecer no sofá, encostadas uma à outra.

Deitada ali, com a cabeça encostada no ombro da mãe, um bigode de chocolate a secar no meu lábio superior, o meu romance a escorregar dos dedos até quase cair no chão, um concerto de violino de Brahms ou a sexta sinfonia de Tchaikovsky a pairar no ar que me envolvia, regalava-me na atmosfera segura e acolhedora da casa de Honeysuckle. E, por vezes, enquanto via as chamas cor de laranja a estalarem e a lamberem a grelha da lareira, pensava na Teresa Watson e no que ela poderia estar a fazer nessa altura — a dançar numa discoteca, a beber cerveja nalgum pub a abarrotar e cheio de fumo, a curtir com o namorado no banco de trás do carro dele — e pensava: *Não trocava de lugar contigo, Teresa Watson, por nada deste mundo*. Sei que sou um rato, e sei que estou a esconder-me do mundo aqui no meu ninho confortável por trás do lambril, mas a minha vida de rato está cheia das coisas boas do mundo — arte, música, literatura... amor.

Podia ser apenas uma vida de rato, mas era uma boa vida, uma vida rica, uma vida *maravilhosa*.

10

A primavera chegou mais cedo nesse ano. A um mês de fevereiro de tempo ameno seguiu-se um março quente. As cerejeiras floriram numa espuma de flores cor de rosa, e alguns dias mais tarde acordámos para ver as macieiras cobertas de flores brancas. Fizemos planos de prepararmos tartes de maçã quando tivéssemos frutos no final do verão, e comê-las com grandes colheradas de gelado de baunilha. Tal como tinha decidido fazer, aprendi os nomes de todas as flores no jardim, e levei a mãe num domingo de manhã numa visita guiada, apresentando-a a todas as suas habitantes floridas. Acabei a visita no canteiro de rosas oval, anunciando com uma vénia:

— E, por último mas não menos importante, a híbrida perpétua, a *Rosa Hybrida Bifera*...

À medida que os dias se tornavam mais compridos, começámos a passar mais tempo fora de casa. Agora tomávamos o nosso chá de depois do trabalho no pátio das traseiras, sentadas nas cadeiras de jardim de plástico que a mãe tinha comprado na cidade por uma pechincha. Aos fins de semana, passávamos horas a fazer coisas no jardim. Aparávamos o relvado — o que não era tarefa fácil pois os jardins tinham uma área total de mais de um hectare e nós tínhamos deixado a relva crescer mais alto do que no tempo do senhor Jenkins. Eu ia de um lado para o outro, a despejar baldes cheios de relva cortada por cima do monte de adubo no fundo do jardim, lembrando-me com um sorriso de como o senhor Jenkins tinha apresentado esse monte com a notória satisfação de um pai orgulhoso.

A mãe entusiasmou-se bastante com a horta e com a ideia de cozinhar vegetais que ela mesmo cultivara no seu jardim. Ela quis cultivar ainda mais vegetais do que o senhor Jenkins tinha feito, e quis também plantar ervas como alecrim e tomilho para usar nos cozinhados. Como não havia espaço suficiente na horta, ela decidiu prolongá-la até perto dos ciprestes. Então, num sábado de manhã, depois de uma ida à cidade para comprar pás e um ancinho, pusemos mãos ao trabalho, remexendo uma área de terra equivalente a duas grandes camas de casal até não ser mais do que uma papa rica e acastanhada. Atirámo-nos à tarefa com toda a vontade, satisfeitas por estarmos a fazer algum esforço físico para variar, mas não fazíamos ideia da dureza que nos esperava. Quando acordámos na manhã seguinte, quase nem nos podíamos mexer — mesmo pegar na chaleira doía, e subir ou descer as escadas era pura agonia.

Quando estávamos com um espírito mais brincalhão, jogávamos *croquet* no relvado da frente ou estendíamos uma rede entre as árvores de fruto e jogávamos badminton. A mãe, alta e muito desajeitada, era péssima em desportos, e quando falhava o arco apenas a alguns centímetros de distância ou quando batia desesperadamente a raqueta a tentar acertar no volante e apenas acertava no ar, caíamos ambas no chão a reboarmos de riso.

Era tão bom viver no campo e não ter vizinhos por perto num raio de muitos quilómetros. Podíamos falar, rir, gritar — até a plenos pulmões — que ninguém nos ouvia. Era uma diferença enorme do “lar matrimonial”, onde sempre nos sentíamos embaraçadas quando íamos ao jardim porque este estava rodeado de janelas de vizinhos, e onde tínhamos de sussurrar para que os vizinhos — cujas formas podíamos vislumbrar por trás dos arbustos — não nos ouvissem.

Pela noitinha, tocávamos duetos no salão, algo que tínhamos deixado de fazer regularmente desde que o pai nos tinha deixado. Tínhamos imensas pautas de música para flauta e piano e, certo dia, ao passar os olhos por elas, encontrei uma com o título *Canções Populares Russas* que nunca tínhamos aberto antes. Tornou-se na nossa peça favorita e tocámos todas as músicas do livro durante o mês de março. As partes da flauta ficavam no ouvido e eram muito fáceis de tocar, enquanto que as do piano eram mais complicadas e punham a mãe à prova de vez em quando. Era o tipo de música que não nos sai da cabeça e ambas passávamos o dia seguinte a assobiar e a trautear. Se eu desse uma fífia particularmente grave, começávamos a rir de tal forma que levávamos meia hora a tentar tocar alguns compassos. Eu gostava imenso destes duetos, e estava a adorar tocar flauta — de que desistira e retomara vezes sem conta — como nunca até aí.

Às vezes, olhava para a mãe, que estava em bicos de pés a tentar libertar o volante de badminton dos ramos de uma cerejeira, ou a fazer uma care-

ta cômica quando estávamos a jogar *croquet* e eu enviava a bola dela pelo jardim abaixo, e sentia-me cheia de amor por ela. Com o seu corpo alto, esguio e desajeitado, as mãos enormes com as quais não sabia nunca bem o que fazer, o cabelo preto e ondulado que nenhum pente conseguia domar, ela parecia tão... vulnerável que eu só conseguia correr até ela e abraçá-la com toda a força.

Eu sabia que estávamos apertadas de dinheiro, por isso, quando a mãe começou a perguntar-me o que eu queria de prenda pelos meus dezasseis anos, dei-lhe apenas uma pequena lista de livros. Quando ela perguntou, com incredulidade, se aquilo era *mesmo* tudo o que eu queria, eu disse que sim, que já tinha tudo o que poderia desejar.

Não era bem verdade, claro. Havia algo que eu queria, mas teria sido muito egoísta da minha parte tê-lo pedido nessa altura. A mãe andava num carro que já devia estar na sucata e ia para o trabalho vestida com fatos com mais de quinze anos. Não me lembrava da última vez em que ela comprara roupa nova para si. Apesar disso, comíamos bem, havia sempre dinheiro para roupas e sapatos novos para mim, para um livro ou revista que eu quisesse, um DVD ou uma ida ao cinema. Via como ela punha sempre as minhas necessidades antes das dela, e por nada deste mundo iria querer abusar disso.

Mas havia algo que eu queria. Algo que queria mesmo muito — tanto como quisera uma flauta quando era uma menina, senão mais. Queria um computador portátil, um desses novos portáteis de aspeto lúcido que vira quando fora às compras com a minha mãe, tão finos, tão leves, que podíamos pôr um na mochila da escola e ele não ocuparia mais espaço do que uma pasta com papéis.

Já tínhamos um computador de mesa numa pequena sala que a mãe usava como escritório na parte da frente da casa de Honeysuckle. Esse computador tinha mais de dez anos (o pai, claro, tinha levado o computador mais novo com ele), o que o tornava pré-histórico. Começava já a mostrar os sinais da idade: “congelava” sem razão aparente, não desligava corretamente e era lento, lento, *lento!* Usava-o quando precisava de ir à internet, mas nunca me sentia muito confortável: sabia que era o computador de trabalho da mãe, e tinha pavor de eliminar acidentalmente um depoimento de um cliente ou um complicado quadro de danos que lhe tivesse levado horas a fazer. Preferia escrever à mão os meus trabalhos da escola a ter de enfrentar aquele monstro, como lhe chamávamos, mas sabia que os meus trabalhos de casa ficariam muito mais fáceis com um computador só meu. Poderia copiar e colar parágrafos inteiros, apagar partes de textos de que

não gostasse (em vez de as riscar como um uma miúda de quatro anos), acertar a ortografia e saber imediatamente quantas palavras tinha escrito, o que iria poupar imenso tempo quando o Roger determinasse um limite rigoroso.

Começava já a pensar nas matérias que iria estudar na universidade. Um portátil seria uma vantagem enorme para todos os ensaios que eu iria ter de escrever, e até me via a tirar notas com ele durante as aulas, se conseguisse aprender a escrever suficientemente rápido no teclado.

Mas o que realmente me entusiasmava era pensar em como um portátil poderia servir para melhorar a minha escrita criativa. Com um portátil, poderia lançar-me a escrever algo realmente longo. Poderia até tentar escrever o meu primeiro romance...

Mas não disse nada. Sabia que se a mãe tivesse a mais pequena suspeita de que eu queria um portátil, mo compraria, mesmo se isso significasse ter de ir trabalhar com buracos nos sapatos e nos collants.

11

Março chegou ao fim e veio abril. A nossa rotina continuava de forma agradável: o Roger vinha pela manhã, a senhora Harris à tarde. Estudava a sério e estava de novo bem preparada para ter sucesso nos exames, que estavam apenas a dois meses e meio de distância. A mãe continuava a fazer o trabalho de três pessoas e a aguentar com dócil resignação a grosseria do Blakely e as suas mãos indiscretas.

A data do meu aniversário aproximava-se, e sentia um certo nervosismo e excitação ao pensar que ia fazer dezasseis anos. Recebi dinheiro da minha avó velhinha que estava no País de Gales, e uns parentes distantes tinham enviado cartões de aniversário que a mãe pôs no aparador. Chegou um cartão muito querido do hospital, assinado por todas as enfermeiras que tinham cuidado de mim. Fiquei chocada por receber uma carta da polícia na qual estava um postal enviado pela escola, com um jovial “Parabéns!” e assinado “com sentidos votos” pelo diretor. Rasguei-o em pedaços e deitei-o ao lixo.

Mesmo tentando não o fazer, não pude deixar de ficar à espera de algo vindo do meu pai. Mas não chegou nada. Como uma farpa, essa crueldade mesquinha espetava-se-me bem fundo na pele, e quanto mais tentava ignorá-la, mais me irritava. Ainda não conseguia acreditar totalmente que a nossa relação tinha acabado, que muito dificilmente voltaria a vê-lo. Sabia que ele tinha o endereço da nossa casa de Honeysuckle, e comecei a suspeitar que a mãe tinha intercetado um presente dele para mim — cheguei mesmo a vasculhar em todos os caixotes de lixo certo dia. Mas quando

pensei no assunto de forma racional, cheguei à conclusão de que ela não poderia ocultar-me nada: o carteiro chegava sempre muito depois de ela sair para o trabalho. A verdade era que o meu pai nem me ligara quando eu tivera alta do hospital; porque me haveria de ligar pelo facto de eu ir fazer dezasseis anos? Era óbvio que, em retaliação por eu ter tomado o lado da mãe e ter decidido ir viver com ela e não com ele, o meu pai me tinha atirado ao caixote do lixo e tinha cortado todo o afeto que outrora me demonstrara, como se tivesse fechado uma torneira.

O meu aniversário, a onze de abril, calhou numa terça-feira nesse ano. Na noite anterior, a mãe ligou pelas seis horas para me dizer que iria chegar tarde — tinha sido retida pelo Blakely, que lhe pedira que atendesse um cliente que só podia ir lá depois do horário de expediente (“Elizabeth, és tão branda!”).

Tinha acabado os meus trabalhos de casa mais cedo e tinha estado a desenhar sobre a mesa da sala de jantar, mas, em vez de continuar, decidi antes fazer algo de útil e preparei o jantar. Ainda detestava acender o fogão a gás por causa do que me tinha acontecido na escola, mas, se mantivesse a boca de gás no mínimo, conseguia não gritar no momento de lhe chegar com o fósforo. Fiz um esparguete à bolonhesa que saiu bem bom, e estava a preparar-me para pôr a mesa quando a mãe enfiou a chave na fechadura.

— Então que temos aqui? — disse ela, sorrindo ao entrar na cozinha. — Pensava que era o *teu* aniversário amanhã, não o meu.

Beijou-me e senti na face a ponta fria do seu nariz.

— Estás gelada — disse-lhe, levando a mão à minha face.

— Sim, está a arrefecer lá fora. Vai começar a chover.

Pus o *La Bohème* na aparelhagem enquanto ela foi mudar de roupa, pus a mesa para as duas, e acendi duas velas aromáticas. Abri uma garrafa de vinho tinto e servi dois copos, depois voltei a pôr a rolha na garrafa e coloquei-a na prateleira da despensa. Aprendera a lição depois da primeira vez: um copo era mais do que suficiente.

A mãe desceu com as calças de fato de treino e o pulôver de gola alta mais confortável que tinha no preciso momento em que eu acabara de servir a comida. Brindámos ao meu “quase aniversário” e começámos a comer. Fizemos o nosso ritual habitual dos pontos altos e baixos. A mãe tinha ganho um caso contra uma companhia de transportes local que nunca esperara ganhar; o Blakely tinha-lhe gritado em frente da Brenda e da Sally porque ela lhe tinha levado o ficheiro errado ao tribunal nessa manhã (a mãe disse que tinha levado o ficheiro que *ele lhe tinha pedido*). Eu tinha-me debatido com a resolução das equações que a senhora Harris me dera nessa tarde, e apenas tinha conseguido resolver três em dez; tinha pegado no nosso livro sobre o Goya e copiado uma das imagens chamada *O Sonho da*

Razão Produz Monstros e, ainda que tivesse feito as pernas do homem que adormece à mesa demasiado curtas, estava mesmo satisfeita com as corujas, os morcegos e os gatos, *os monstros* que o ameaçavam.

Durante o jantar, apercebi-me do olhar fixo da mãe sobre o meu rosto.

— O que foi? — perguntei-lhe. Desde que ficara com o rosto marcado pelas cicatrizes, estava mais suscetível a que me olhassem de perto.

— Nada — respondeu com ar sonhador. — É só que parece incrível que a minha menina vai fazer dezasseis anos amanhã. Dezasseis anos! Até parece que foi ontem que te dei de mamar.

— Por favor, mãe! Estou a *comer*!

— O tempo passa tão depressa. — Suspirou, abanando suavemente a cabeça. — Sempre tiveste bom apetite, nunca recusaste a mama.

— Mãe, não te vais pôr com essas memórias outra vez, pois não?

— Não, não, se isso te embaraça... Prometo que não me vou pôr com essas *mamárias* de novo...

Estava mesmo a beber um gole de vinho nesse momento, e quase me engasguei a rir. Quando recuperei, ela ainda estava com um olhar sonhador.

— Amanhã celebramos como deve ser, Shelley. Vamos sair para comer nalgum sítio agradável.

— Não é preciso, mãe.

— É sim.

Com o dedo indicador, andou em volta de uma pequena poça de vinho em cima da mesa. Quando falou de novo, tinha os olhos húmidos.

— Quero pedir-te desculpa, Shelley.

— Porquê?

— Por te ter deixado ficar mal. Por não te proteger daquelas raparigas horríveis, *horríveis*.

A minha resposta saiu tão fraca que quase não se ouviu.

— Tu não sabias.

— Mas foi precisamente isso. Devias ter-me pedido ajuda.

Fiz riscos no molho do esparguete no meu prato com os dentes do garfo.

— Porque achaste que não me podias contar, Shelley?

— Não sei — respondi, a encolher os ombros. — Senti... estava quase... paralisada. E tinha vergonha.

— Isso magoou-me mais do que tudo o resto, sabias? Que não te tenhas sentido à vontade para me contares tudo. Foi culpa minha. Ainda estava cheia de pena de mim mesma depois do divórcio, e andava preocupada com o trabalho. Deixei-te de fora.

Eu sabia que não tinha sido culpa dela — *eu* tinha decidido manter

aquelas agressões em segredo — mas, ao mesmo tempo, senti-me profundamente reconfortada por ouvi-la dizer aquilo.

— Às vezes gostava que não fosses tão parecida comigo, Shelley.

— Não digas isso, mãe.

— Quer dizer, gostava que fosses mais... gostava de ter sido mais...

Não conseguia encontrar as palavras que procurava. Fosse o que fosse que ela quisesse dizer, era demasiado complicado, demasiado sensível. Desistiu e lançou-me um olhar suplicante.

— O mundo é tão *duro*, Shelley!

Afastou o que poderia ter sido uma lágrima no seu rosto, e tentou sorrir, mas foi então que a sua expressão mudou, como se lhe tivesse passado pela cabeça um pensamento tão insuportável que a tivesse forçado a inclinar-se para trás até descansar as costas na cadeira.

— Talvez tenha sido um erro termos vindo para aqui. Talvez tenha feito mal em ter-te tirado da escola. Talvez tivesse sido melhor se tivéssemos tentado encarar...

— Não! — gritei, tomada pelo pânico. — Não quero voltar à escola!

Ela esticou os braços por cima da mesa e tomou a minha mão nas dela.

— Não tens de voltar, não tens de voltar. — Apertou-me a mão de tal forma que me magoou. — Não te vou deixar mal de novo, Shelley. Prometo-te.

A intensidade da sua expressão deixou-me desconfortável e tive de desviar o rosto. Quando voltei a olhar para ela, fiquei aliviada por ver que tinha agora um sorriso gentil e pensativo.

— Quero que saibas que estou muito orgulhosa de ti — disse ela. — Estou muito orgulhosa pela forma como lidaste com as coisas horríveis que te aconteceram.

— Mãe...

— Não, estou a falar a sério. Foste fantástica. Calma, sensível. Sem histérias e sem teres pena de ti própria. Vamos jantar a um lugar bom. Um restaurante mesmo fino. Está bem?

Sem pena de mim própria. Lembrei-me do cinto do meu robe, da viga da garagem onde o pai pendurava o saco de boxe... mas decidi deixar a coisa assim.

— Está bem, mãe — respondi-lhe a sorrir.

Depois do jantar, tocámos mais um dueto das *Canções Populares Russas*, uma chamada “O Casamento Cigano”, com um ritmo acelerado que eu tinha dificuldade em seguir. Estava sempre atrapalhada atrás dela e dava-me

imensa vontade de rir. Estava a fazer uma data de asneiras, e quantas mais fazia, mais nos ríamos.

Estávamos com muito sono nessa noite; a mãe já estava a adormecer antes do noticiário das dez. Só falavam num entediante escândalo político e não tive vontade de ver. Abracei e beijei a mãe e subi para o meu quarto.

Estive acordada na cama um bom bocado, a ouvir a chuva miudinha a bater na minha janela, a gozar os últimos momentos dos meus quinze anos. De manhã, teria já dezasseis anos. *Doces dezasseis anos e nunca foi beijada*, era o que se dizia. E, no meu caso, era verdade. Nunca tinha sido beijada.

E, pela primeira vez na minha vida, senti que queria sê-lo. Queria ter um namorado. Queria ser beijada. Talvez quando tivesse dezasseis anos, quando as minhas cicatrizes sarassem todas, encontrasse alguém. Alguém bonito como o George Clooney mas com a inocência juvenil do Tom Hanks, alguém leal e sincero que não me deixasse quando começasse a ficar mais velha e os pés de galinha comesçassem a notar-se...

Sentia algo dentro de mim, algo que queria brotar, da mesma forma que o jardim de Honeysuckle lá fora queria brotar debaixo da chuva suave da primavera, fazendo nascer rebentos, abrindo botões de flores, desfraldando pétalas virgens. “Com idade para casar”, tinha dito a mãe. Senti-me no limiar de novas e excitantes experiências, novas emoções, novos relacionamentos, e desejei-os como a borboleta ainda dentro da crisálida desejeja abrir as suas asas frágeis e voar.

Com estes pensamentos, adormeci num sono profundo e delicioso.